

ARTIGO

Itinerários de história digital
O caso Nietzsche através da
heurística computacional
(c. 1870-1940)

ALESSON RAMON ROTA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas | São Paulo | Brasil
alesson.rota@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9167-7903

PIERO DETONI

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica | Rio de Janeiro | Brasil
pierodetoni@gmail.com
orcid.org/0000-0002-5106-7868

O artigo discute contribuições para a operação historiográfica a partir da aproximação da história com a computação. Utilizamos como caso um problema de história intelectual, que envolve compreender a recepção de Nietzsche no Brasil. A digitalização de acervos históricos é examinada, assim como o impacto dessas tecnologias no acesso e na pesquisa histórica, incorporando métodos como mineração de dados e processamento de linguagem natural. O estudo destaca como a história digital pode alterar a pesquisa histórica, explorando padrões e contextos em torno da recepção de Nietzsche através de um levantamento de acervos digitais, demonstrando uma abordagem que equilibra métodos quantitativos e qualitativos. Na primeira parte do texto apresentamos um sistema de filtros como instrumento heurístico. Na segunda analisamos os recortes produzidos através desse sistema. Por último, procuramos analisar como um determinado autor, José Oiticica, concebeu Nietzsche ao longo da vida. O intuito é operar, com essa investigação, movimentos sincrônicos e diacrônicos tendo como base de dados as leituras de Nietzsche localizadas na Revista do IHGB e na Revista Americana na Primeira República.

Heurística computacional—recepção no Brasil—Nietzsche

ARTICLE

Itineraries of digital history
The Nietzsche case through
computational heuristics
(c. 1870-1940)

ALESSON RAMON ROTA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas | São Paulo | Brazil
alesson.rota@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9167-7903

PIERO DETONI

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica | Rio de Janeiro | Brazil
pierodetoni@gmail.com
orcid.org/0000-0002-5106-7868

The article discusses contributions to historiographical operations based on bringing history and computing closer together. We use as a case a problem of intellectual history, which involves understanding the reception of Nietzsche in Brazil. The digitization of historical collections is examined, as well as the impact of these technologies on access and historical research, incorporating methods such as data mining and natural language processing. The study highlights how digital history can alter historical research, exploring patterns and contexts around the reception of Nietzsche through a survey of digital collections, demonstrating an approach that balances quantitative and qualitative methods. In the first part of the text we present a system of filters as a heuristic tool. In the second part, we analyze the clippings produced through this system. Finally, we try to analyze how a particular author, José Oiticica, conceived of Nietzsche throughout his life. The aim of this investigation is to operate synchronic and diachronic movements based on the readings of Nietzsche found in the *Revista do IHGB* and *Revista Americana* in the First Republic.

Computational heuristics—reception in Brazil—Nietzsche

INTRODUÇÃO

Em um contexto em que a recepção de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) no Brasil ainda era pouco explorada, Scarlett Marton contribuiu significativamente com questões que se entrelaçam com a nossa investigação.¹ Tradicionalmente, a abordagem acadêmica sugeria uma imersão nos textos dos filósofos para captar essencialmente seus pensamentos. Destaca-se a importância da adoção de um rigoroso método estrutural, que evita separar as teses dos raciocínios lógicos que as originam, ou aplicar o método genético, que reconstrói o percurso intelectual do autor, ou até mesmo combinar os procedimentos para aprimorar a interpretação dos textos (Marton 2009, 253). Se não considerarmos os processos históricos, “acabamos por perder de vista a maneira pela qual as ideias filosóficas chegaram até nós, o impacto que provocaram e continuam provocando, e os resultados que produziram e estão a produzir” (Marton 2009 253). A estudiosa chamava a atenção para a necessidade de estudos que considerassem as práticas historiográficas no tratamento dos escritos de Nietzsche.

Este texto aborda a recepção de Nietzsche no Brasil (c. 1870-1940) utilizando saberes da história intelectual, da historiografia brasileira, da história do livro e da leitura, bem como se vale de métodos computacionais movimentados de acordo com uma abordagem de história digital. Interrogamos como os instrumentos heurísticos digitais contribuem para as pesquisas que se voltam sobre a circulação das obras nietzschianas e sobre as semânticas a elas enredadas. Para resolver essa questão, elaboramos sistemas de filtros que operam com raciocínios quantitativos/qualitativos como método para abordar as interpretações sobre Nietzsche difundidas no Brasil, possibilitando arranjos contextuais e periodizações variáveis, tendências temáticas e a percepção de deslocamentos semânticos e recomposições de leitura. Priorizamos o raciocínio historiador no mundo digital em vez de apenas a ferramenta em si.

Dito isso, vemos que nas últimas décadas o Brasil testemunhou importantes movimentos em direção à digitalização de acervos históricos, um processo que não apenas preserva, mas também democratiza o acesso a registros culturais e históricos. Há um esforço (trans)institucional que visa resguardar o patrimônio documental diante dos desafios do tempo e da materialidade física desses artefatos. A Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e diversas universidades lideram iniciativas de digitalização,

¹ Dialogamos com um repertório grande de interlocutores referenciados aqui como reconhecimento da importância das suas reflexões em nossos estudos: Araujo, Luiz & Adeodato, João; Burnet, Henry; Breuning, Tiago; Boaventura, Flávio; Casemiro, Fábio; Cuoso, Gianluca; Detoni, Vicente da Silveira; Dias, Geraldo; Feiler, Adilson; Farias, Damião; Fornari, Maria C; Fraedric, Anna; Junior, Ivo. Lomeu, Antonio; Pantuzzi, Tiago; Rosa, Roberto Sávio; Rubira, Luis; Santos, Roger; Azevedo & Edmilson; Soares, Taís. Há outros estudos que abordam a recepção de Nietzsche seja tangencialmente ou diretamente. Solicitamos que as comunidades leituras da RTH se ponham a pesquisá-los e conhecê-los. Cabe destaque ao generoso trabalho de Geraldo Dias ao transcrever grande parte dos artigos de Nietzsche saídos na imprensa e que se encontram em Cadernos Nietzsche: <https://www.scielo.br/j/cniet/> Também merece nota o Centro de Estudos Nietzsche: recepção no Brasil: <https://site.unifesp.br/cenbra/pesquisas/pesquisas-em-curso> O grupo situado na UNIFESP, para além do estudo propriamente das leituras de Nietzsche no Brasil e integrar estudos, apreende os diálogos desta filosofia a partir de diferentes campos e suportes, desenvolvendo instrumentais teóricos para abordagens sobre recepção. A direção é do professor Ivo da Silva Júnior e a coordenação do professor Geraldo Dias.

incorporando tecnologias computacionais para a conversão de documentos, fotografias, obras de arte e manuscritos. Esses esforços são complementados por políticas públicas e parcerias que expandem o acesso às culturas e aos saberes, permitindo que professores, pesquisadores, estudantes e interessados em geral pesquisem coleções históricas de maneira remota. O fenômeno da digitalização tem provocado reações junto às comunidades historiadoras diante das transformações do ofício, com praticantes dialogando com públicos diversos, construindo repositórios digitais e, correlatamente, elaborando ferramentas de pesquisa. Um exemplo dessa conjuntura é o *Programming Historian* e sua versão em português, bem como ferramentas e métodos desenvolvidos para pensar e mobilizar o digital (Brasil 2022; Rota 2021).

É bem possível que a história digital, termo cunhado por Edward L. Ayers (1999), esteja passando por novas transformações decorrentes dos usos de métodos computacionais. Alguns desses métodos, como a estatística, já são utilizados por historiadores há décadas. Contudo, a integração de métodos digitais em acervos históricos, incluindo mineração de dados, processamento de linguagem natural (PLN), aprendizado de máquina e visualização de dados, tem permitido analisar os documentos históricos tanto quantitativa quanto qualitativamente, abrindo espaço para novos olhares e novas abordagens. Em outras áreas de saber, como nas ciências de dados, já são demandados modos de entendimento de conceitos visando estabelecer mediações operatórias. Neste estudo de caso proposto, nossas movimentações heurísticas estão focadas na mineração de dados, demonstrando que a filtragem de dados, bem como o preparo para a interpretação, depende, também, do trabalho hermenêutico, criativo e teórico, pois teoria é, também, uma forma de *revelação*. Ao tensionarmos o digital e o analógico, interrogamos, assim, o significado de *ver* no digital.

Na definição de mineração de dados de para Han *et al* (2012, 8), trata-se do “processo de descobrir padrões significativos e modelos preditivos em grandes conjuntos de dados, envolvendo métodos das áreas de estatística, aprendizado de máquina e banco de dados”. Nessa definição, percebe-se o uso do aprendizado de máquina como um método da mineração de dados possível, mas que, também, é um subcampo da computação em expansão. Apesar de o termo *preditivo* sugerir uma visão futura, todos os padrões identificados referem-se a eventos passados. Esse é um caso típico de desafio conceitual e linguístico entre a computação e a história que precisa ser melhor compreendido e que pode gerar mal-entendidos. Também é comum encontrar, neste âmbito em específico, trabalhos científicos produzidos no setor privado que definem, pois, os conceitos que fazem parte do vocabulário computacional.

Assim sendo, demonstraremos, neste artigo, como o digital impacta a pesquisa histórica utilizando como estudo de caso a recepção de Friedrich Nietzsche no Brasil. Para isso, renunciaremos ao uso de recursos computacionais mais sofisticados para demonstrar como se dá o manejo dos dados e como estes podem abrir caminhos para pesquisas em história. Renunciaremos também ao conceito de Big Data, definido por Doug Laney (2001) a partir do volume, velocidade e variedade informacional, que não se aplica aos acervos digitais aqui tratados.² Realizamos, então, um extenso

² O conceito de Big Data possui uma historicidade. Se nos anos 2000 foi definido a partir de três variáveis, atualmente pode-se considerar mais de quarenta, dependendo do autor.

levantamento³ nos principais acervos digitais do Brasil para explorar a semântica vinculada a Nietzsche. O levantamento incluiu o conteúdo textual de bases de dados, como textos que compõem revistas e livros. Foi possível estabelecer um *corpus* de fontes, a partir do qual representamos visualmente esses dados quantitativos para mensurar quando Nietzsche começou a ser discutido no Brasil e quando se popularizou entre os círculos intelectuais do país – já na passagem do século XIX para o XX.

Na primeira parte do artigo demonstramos modos de pensar quantitativa e qualitativamente a pesquisa, descrevendo passo a passo como foram tomadas as decisões heurísticas buscando contribuir, também, com o letramento digital promovido nas últimas décadas (Reddy et al. 2020). Na segunda, selecionamos dois dos principais periódicos que discutiram Nietzsche para analisar qualitativamente a sua recepção no início do século XX, sendo eles a Revista do IHGB e a Revista Americana. Na última sessão observaremos a recorrência de Nietzsche ao longo da trajetória intelectual, política e educacional do anarquista José Oiticica. Ao abordar narrativas transnacionais e globais, Franco Moretti (2000) aponta justamente o recorte temático como o cerne do raciocínio, que não deve ser entendido, como sinônimo do pensamento digital, conforme apontou Ted Underwood (2017).

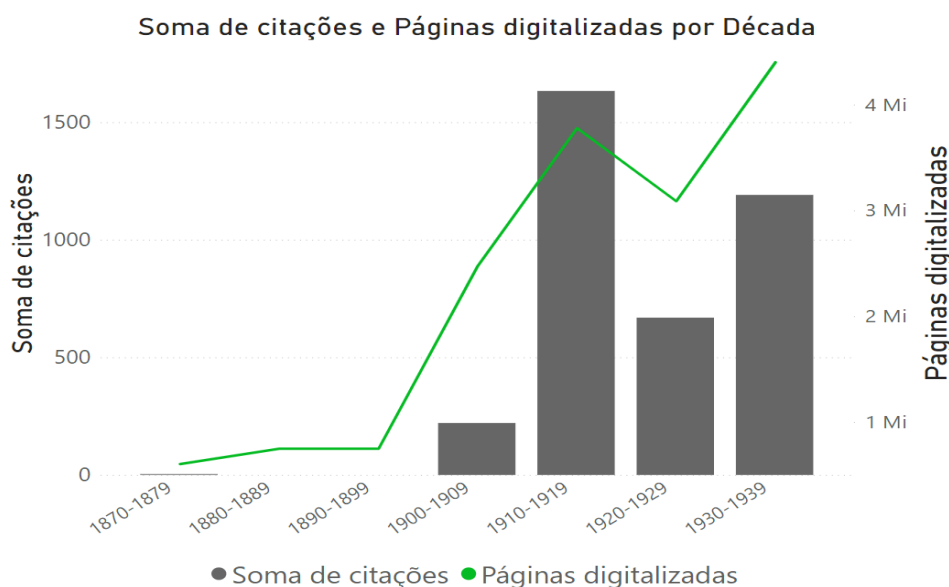
Os recortes podem ser considerados arbitrários, mas também intrínsecos ao processo de construção da narrativa, como demonstrou Paul Ricoeur (1994), contribuindo para um debate que atravessou o século XX, baseando-se tanto no pensamento analítico quanto no existencial. Exemplificamos, nesse sentido, como operar raciocínios próprios da computação aplicados à escrita da história através de filtragens de dados que funcionam como recortes analíticos, sem perder de vista a amplitude do objeto e os nexos explicativos. Conforme os resultados foram analisados, ajustamos outras configurações – seja para refinar a busca de acordo com as hipóteses iniciais, caso se mostrassem promissoras, seja para propor novos raciocínios. Esse processo heurístico (exploratório e confirmatório) contínuo ampliou a compreensão sobre o tema investigado, de modo que foi possível confirmar a recepção de Nietzsche no Brasil *pari passu* à publicação dos seus livros. Apesar de olharmos apenas para Nietzsche no Brasil, precisamos ter em mente o mundo como rede e suas relações interdependentes, de modo que “impressos e ideias viajaram entre Europa e demais continentes em proporções até então inéditas, intensificando os intercâmbios mútuos” (Levin; Poncioni 2018, 15). Junto aos exercícios heurísticos, para qualificar as decisões tomadas na construção dos recortes (ou dos filtros) da pesquisa, utilizamos análises hermenêuticas, que apresentamos ao longo do texto. Com esse exercício, temos a oportunidade tanto de desbanalizar o digital junto ao âmbito da pesquisa em história (Lucchesi 2012) quanto de mensurar o que pode ser próprio da história e o que pode ser próprio da computação (Silveira 2018).

³ Cf. o mapeamento em: Rota 2024.

(RE)FIGURAÇÃO E RECORTE

A escolha de Nietzsche como objeto de estudo se justifica pela sua intensa presença nas culturas intelectuais brasileiras que coabitaram o espaço temporal entre 1870 e 1940. Na figura abaixo, representamos o levantamento inicial que fizemos de acordo com as bases de dados consultadas. Destacam-se as primeiras citações ainda na década de 1870 e curvas ascendentes no início do século XX. Mensuramos os exercícios heurísticos até a década de 1940, quando é anunciada a tradução da primeira ontologia de Nietzsche a ser publicada no Brasil (Rubira 2021). A periodização indica um momento em que os paradigmas e protocolos predominantes tensionam a natureza romântica e historicista do conhecimento, bem como sinalizam para comportamentos próximos da profissionalização e da especialização dos saberes. Estamos, pois, diante de contextos específicos marcados por essas transformações.

Figura 1 – Número de menções a Nietzsche e número de páginas digitalizados por década



Fonte: autores

Apesar de, nas primeiras décadas do século XX, não encontrarmos sentidos uniformes que conectem e estabilizem as leituras de diversas autoras e autores que discutiram Nietzsche ou que foram influenciados pela semântica em circulação, o mapeamento realizado estabeleceu sincronias possíveis, variáveis e plurais — organizando o que antes não era possível de maneira analógica. A leitura do estilo provocativo de Nietzsche, implicado na reavaliação crítica dos valores morais, culturais e existenciais modernos, representado por conceitos como *força*, *vontade de potência*, *eterno retorno*, *morte de Deus*, *amor fati*, entre outros, desencadeou reações perlocutórias. Como apontou Scarlett Marton (2022, 12), para os contextos europeus, a obra de Nietzsche emergiu como um espaço de conflito, “como o território em que se defrontam apropriações de diferentes partidos, sejam eles políticos, literários ou acadêmicos” — algo que também se aplica ao Brasil. A semântica em deslocamento e em circulação nos contextos brasileiros, por meio de

apropriações explícitas e implícitas, resultou em intensos debates sobre os sentidos da história, os modos de saber disponíveis, os questionamentos sobre a moral tradicional e as temporalidades hegemônicas, permitindo reavaliações dos tempos da nação. Por exemplo, a circulação do conceito de *super-homem* implicou na emergência de sensibilidades políticas que agiram contra as formas de dominação, com críticas ao Estado, às instituições e aos dogmas. Esteticamente, a semântica nietzschiana foi mobilizada como modo de superação das sensibilidades românticas por meio de seu vitalismo e dos modos de efetivação existencial direcionados à imanência. O cientificismo apareceu como outro modo de leitura, pluralizando os usos de Nietzsche.

A **Tabela I** ilustra a extensão das bases de dados consultadas e revela os trabalhos realizados nas últimas décadas para a digitalização e o acesso a documentos históricos. Os acervos históricos investigados incluem a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o periódico de história mais longevo do país; a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, um dos maiores acervos históricos digitais do mundo, que reúne uma ampla gama de impressos que circularam no Brasil nos últimos dois séculos; a Biblioteca Brasileira Digital da USP, que abriga coleções de livros de literatura brasileira, história do Brasil e relatos de viajantes, principalmente dos séculos XIX e XX; a Biblioteca de Obras Raras da UFRJ, que contém compêndios publicados entre os séculos XIX e XX; e a Brasileira Digital, também da UFRJ, que possui todas as obras da Coleção Brasileira da Editora José Olympio. A tabela a seguir apresenta a quantidade de itens disponíveis nesses acervos.

Tabela 1: Acervos digitais consultados e sua extensão em números aproximados

Acervo	Número estimado de páginas digitalizadas
Revista do IHGB	1700000
<i>Biblioteca Brasileira Digital da USP</i>	2500000
<i>Brasileira Digital</i>	26000
Hemeroteca Digital	30000000

Ao problematizar os sentidos e os alcances da noção de acervos digitais, é crucial considerar como eles possibilitam conexões mais abrangentes. O arquivo digital preserva as informações, mas, quando potencializado, pode tornar difícil encontrá-las, destacando a necessidade de estabelecer critérios claros para a pesquisa digital, que apresentamos como um sistema de filtros. Podemos observar um raciocínio similar no trabalho de Brasil (2022) com a criação da ferramenta *pyHDB*, que se destaca pela sua abordagem didática na análise de documentos históricos da Hemeroteca Digital. Isso contrasta com o projeto de Rota (2021), que foca na replicação completa dos acervos. Ambas as iniciativas demonstram o interesse em aplicar métodos computacionais à historiografia, evitando a automatização completa do processo interpretativo, conforme discutido por uma hermenêutica computacional apoiada no

pensamento analítico de Fuenmayor e Benz Müller (2019). Esses filtros funcionam como forma de mensurar conteúdo e pensar a pesquisa na relação quantidade e qualidade, são familiares ao historiador, porque também ocorrem quando pensamos a relação entre as fichas e manuais catalográficos, bem como as descrições arquivísticas e o conteúdo da lata. Contudo, tais filtros podem ser programados tendo em vista a geração de mais possibilidade de pesquisa e, também, de organização dos acervos.

O uso da computação aplicada a textos, sobretudo oriundo de arquivos históricos, impõem novas condições para o uso desses documentos. Conforme discutido em Rota (2023), a velocidade de atualização que pode sofrer um arquivo digital, tendo em vista o caso em que estamos replicando diversos acervos e correlacionando-os, pode comprometer seu princípio básico de existência, que é salvar uma informação. Com as constantes atualizações escalonáveis mobilizadas, pode-se desconfigurar os princípios que deram origem ao arquivo digital e até mesmo modificar as estruturas físicas de origem desse conjunto informacional. Conforme Regina Crespo (2010; 2020), a conversão de revistas culturais em *fac-símiles* apresentou grande avanço para estudos intelectuais através do melhor acesso à documentação, ao mesmo tempo que a tecnologia impõe novos desafios para as revistas nato digitais.

Quando estamos pensando a prática de uma heurística digital para um caso de história intelectual, é fundamental considerarmos quando o autor começou a publicar as suas obras e como elas poderiam ter sido lidas em contextos específicos. Encontramos menções que podem remeter a obras como *O nascimento da tragédia no espírito da música* (1872), *Humano, demasiado humano* (1878), *Aurora* (1881), *A gaia ciência* (1882), *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), *Além do bem e do mal* (1886), *Genealogia da moral* (1887), *O caso Wagner* (1888), *Crepúsculo dos ídolos* (1888) e *Ecce Homo* (póstumo de 1908). Essas remissões são mediadas através dos textos das comunidades leitoras brasileiras, que, mesmo não citando nominalmente as obras, nos direcionam para as suas economias semânticas, permitindo identificar em qual livro, ou livros, Nietzsche abordou determinado assunto ou problema.

A primeira referência a Nietzsche encontrada nas bases de dados é de 1876, no jornal *A Província* de Pernambuco, cujo autor é Tobias Barreto. O artigo intitula-se *Nem filósofo nem crítico*. Esta é a primeira menção ao filósofo na imprensa a partir dos acervos digitais que utilizamos para nossa heurística, o que não significa que tenha sido necessariamente a primeira em termos gerais. O mapeamento corresponde à identificação de Tiago Pantuzzi (2016). Ao analisar este artigo, identificamos a existência de um diálogo já presente em que a imagem do filósofo e das suas obras participava ativamente no contexto brasileiro. No texto em questão, Tobias Barreto polemiza com o jornalista José Carlos Rodrigues, editor da *Revista Novo Mundo*, leitor crítico dos seus ensaios. A conversa estabelecida pelo acadêmico de Recife, onde ele defende (e ataca) a sua obra, sugere os horizontes de leitura de Rodrigues, que Barreto antecipou mencionando Nietzsche por supor, ou por saber, que o jornalista compreenderia o todo dos seus argumentos. Esta menção é considerada significativa e sugere um intercâmbio intelectual preexistente, marcando uma distinção entre a primeira menção e a primeira recepção de Nietzsche no Brasil. Tudo indica, contudo, que a primeira menção é anterior.

À medida que mais acervos pessoais e públicos forem digitalizados, é muito provável que encontremos novas menções a Nietzsche em língua portuguesa e possamos redimensionar sua recepção. Através da pesquisa de materiais não digitalizados também se espera ampliar esse entendimento. A primeira recepção de Nietzsche deslocou-se a partir de variações geográficas, não se limitando a Pernambuco. Os catálogos de livros das bibliotecas de outras instituições brasileiras, como nos estados do Nordeste, Sudeste e Sul, apontam para a indexação de obras de Nietzsche e sobre Nietzsche desde a década de 1890. Também é preciso considerar que os Institutos históricos (regionais e nacional) possuíam em sua organização sócios correspondentes, como consta no próprio quadro social publicado na Revista do IHGB.

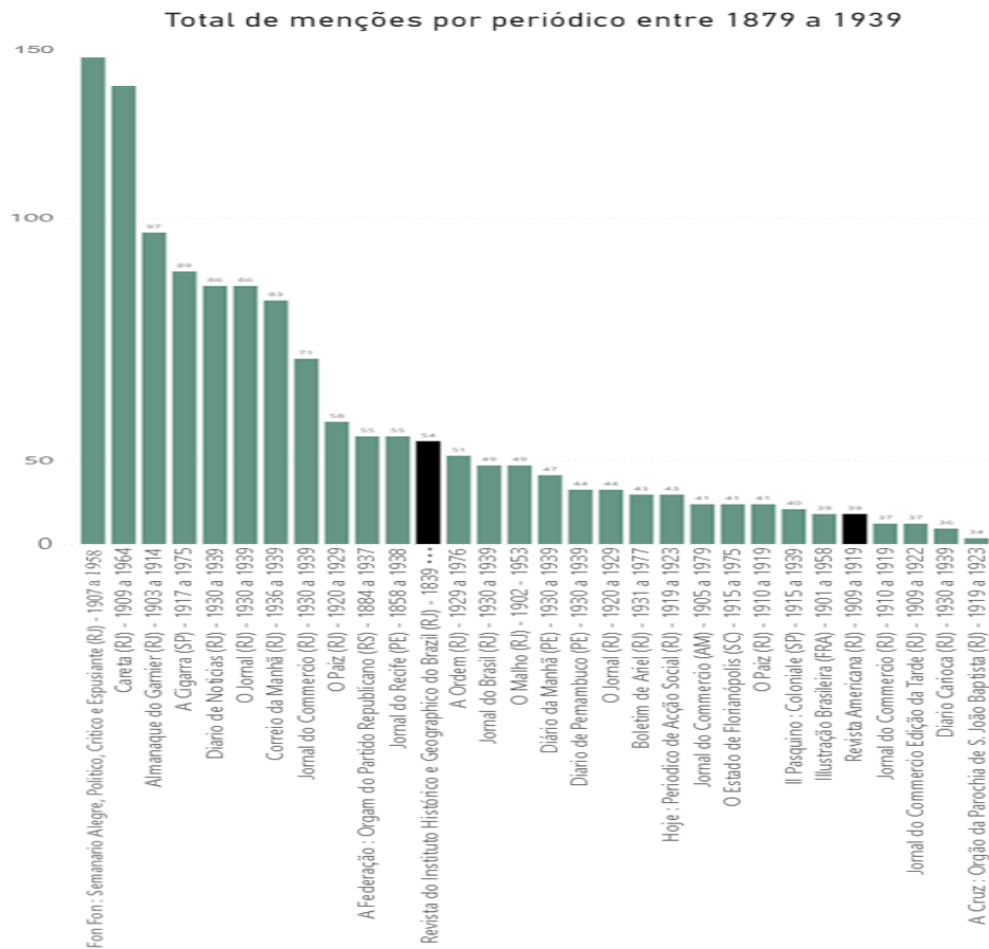
A fragmentação dos dados século XIX aponta para uma recepção própria do mundo dos viajantes, onde a circulação/interação de ideias entre as culturas intelectuais foi marcada por transformações impulsionadas pela expansão comercial, pelas revoluções industriais e políticas que configuram cientificismo e sensibilidade romântica, transitando entre a ficção e a história (Naxara 2004; Lisboa 2011). Há um aumento no intercâmbio de conhecimento através do avanço na impressão e do mercado editorial com a circulação de livros e outros escritos. Nota-se que só podemos falar sobre dados quantitativos sobre a recepção de Nietzsche no Brasil no início do século XX. O debate brasileiro sobre essa filosofia ocorreu mais intensamente na Primeira República, período em que houve a expansão, por um lado, das sociedades acadêmicas e dos círculos intelectuais, com a organização de periódicos e a realização de congressos, bem como através da criação de sociabilidades intelectuais consideradas (extra)disciplinares, como círculos de estudos, rodas de conversa, palestras públicas e debates advindos de redações de jornais. Essa intensificação de leituras na Primeira República orientou-se por um viés duplo: a circulação mais densa de impressos, mas também através de toda uma ressignificação da figura autoral de Nietzsche e uma ampliação de apropriações já existentes no país desde a década de 1870.

João do Rio, por exemplo, no livro *Psicologia Urbana* (1911, 235), cita uma tradução francesa de *Aurora*: “A serpente que não pode mudar de pele, perece. De igual modo, os espíritos impedidos de mudar de opinião deixam de ser espíritos”. João do Rio valorizava a necessidade/condição humana de imprimir diferença. Enquanto isso, José Veríssimo, em *Um Nietzsche diferente* (1903), estabelece um horizonte crítico tendente ao negativo acerca da circulação dessa semântica na França e no Brasil. Essa multiplicidade de representações não é exclusiva da cena brasileira, como observamos ao voltarmos nossa atenção para Portugal, onde obras como *O Criacionismo*, de Leonardo Coimbra, e *O Simbolismo*, de José Coelho Moreira Nunes, ambas publicados em 1914, colocam em evidência a obra de Nietzsche sendo lida como ícone desafiador do cristianismo e cujas ideias estariam, então, em voga.

É patente que as leituras de Nietzsche circulavam desde os anos de 1870, apesar de entrar na “moda”, conforme expressão de José Veríssimo (1903, 125), somente no século XX. Naquele momento acentuam-se consideravelmente as menções ao autor, de modo que não é possível ignorar a sua filosofia enquanto tema tropical. Falamos de cerca de 250 menções entre 1900-1909 e mais de 1500 entre 1910-1919 (conforme **Figura I**). Esses números referem-se a qualquer tipo de menção a Nietzsche, seja uma simples citação ou uma discussão mais aprofundada. Essa mensuração poderia ser ainda mais ampliada se levássemos em consideração dois fatores: impressos desaparecidos e impressos e acervos não digitalizados.

A fim de estabelecer novos critérios analíticos para conduzir modos de produção de sentido, procuramos mensurar em quais periódicos Nietzsche foi mais citado. A figura abaixo (**Figura II**) representa os trinta periódicos brasileiros que mais citaram o autor do Zaratustra. Nosso intuito foi identificar possíveis comunidades leitoras através da recorrência de assuntos. Nota-se a presença de revistas culturais e jornais como principais receptores de Nietzsche no Brasil. Entre os principais, focaremos em dois periódicos que tiveram a circulação de letrados que foram consagrados como historiadores. São eles a Revista do IHGB e a Revista Americana, hospedada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Tais periódicos possuíam ligação com o Estado nacional, congregando posições intelectuais e culturais representativas que se vinculavam, não de forma apaziguada, às relações diplomáticas estabelecidas pelo Itamaraty. Nesse momento o Brasil passara por transformações políticas e administrativas substanciais, decorrentes do fim da escravidão e do advento da República. Houve, então, toda uma reconfiguração das paisagens intelectuais pressionadas pelas sociabilidades e modos de pensar e sentir derivados da *Belle Époque* brasileira.

Figura II: Citações de Nietzsche por década em publicações brasileiras

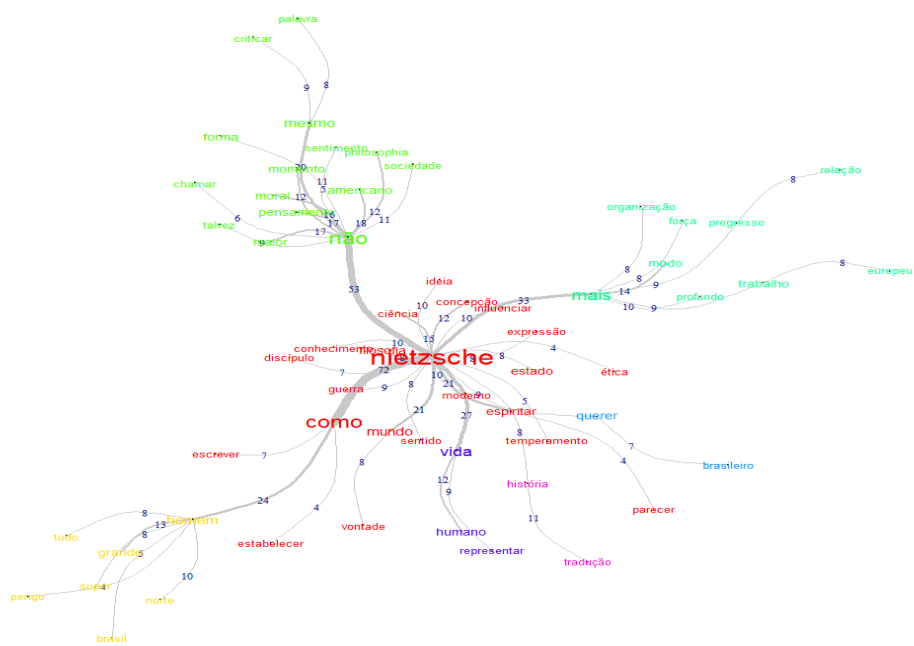


Fonte: autores

Prosseguindo com nossos filtros, emergem dois itinerários analíticos: um focado na interpretação das citações de Nietzsche em publicações periódicas, fornecendo leituras sobre sua recepção no Brasil a partir de duas importantes revistas; o outro examina a continuidade da relação de um autor específico com o pensamento nietzschiano. Esta segunda abordagem é exemplificada pelo caso de José Oiticica, na última parte deste texto, cuja interação com o pensamento nietzschiano oferece um retrato detalhado dos impactos filosóficos em sua trajetória intelectual, política e educacional, sendo um dos seus principais interlocutores.

É importante salientar que a Revista do IHGB e a Revista Americana foram escolhidas não somente pelo suporte bibliográfico que indica a possibilidade de uma recepção qualitativa, mas porque após termos mapeados os principais periódicos, antes de ler os textos *in loco*, lançamos mão de um algoritmo para calcular as principais associações vocabulares em torno de Nietzsche. Esta visualização, representada como um rede neural que contempla o período entre 1870 e 1940, integra segmentos textuais adjacentes ao nome do filósofo (cinquenta palavras antes e depois ao nome). A rede distingue as palavras-chave, representadas por nós, e suas interconexões semânticas, indicadas pelas arestas. A posição proeminente de Nietzsche sublinha a sua centralidade, enquanto a distribuição das palavras circundantes elucida os domínios de sua repercussão conceitual em uso. Essa representação elaborada a partir da associação entre palavras, nos permite perceber como os vocabulário mobilizado na recepção é próximo gramaticalmente das obras de Nietzsche, ainda que a semântica seja outra. De qualquer forma, a automatização das classificações pode funcionar bem em determinados recortes, considerando a extensão e confiabilidade dos dados.

Figura III – Rede neural dos usos de Nietzsche e os principais vocábulos que acompanham seu nome



Fonte: autores

NIETZSCHE E AS APROPRIAÇÕES DA SUA SEMÂNTICA NA REVISTA DO IHGB E AMERICANA

Neste experimento qualitativo destacamos a RIHGB (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1895-1925) e a Revista Americana (1909-1919) nas primeiras décadas do século XX, pela ligação desses periódicos com o Estado e pelo capital cultural ali presente. A Revista Americana foi planejada, entre outros elementos, através da estratégia riobranquiana pensada como diplomacia do continente, bem como acolhe conceitos tratados por autores diversos (Castro 2012). Este periódico contou com contribuições de estudiosos latino-americanos, apesar desse alinhamento político, houve casos importantes de desvios nos debates sobre os sentidos da América.

Fenômeno semelhante é observado na RIHGB que, segundo Lúcia Guimarães (2006), passou por intensas reformulações em seus quadros e articulações políticas para garantir sua sobrevivência, uma vez que estava associada à Monarquia na República. Angela de Castro Gomes (2010) notou a indissociável relação entre diplomacia e historiadores na República, muitos deles sócios do IHGB. Já Piero Detoni (2021, 19) observou que as comunidades em torno do grêmio se voltaram para o Instituto entendido como um areópago (expressão movida por Ramiz Galvão): um lugar que congregava perspectivas de pensamento dissensuais. Essa foi a reivindicação e a autoimagem elaborada pelos sócios. Através da ética da *pacífica scientiae occupatio*, estabeleceu-se a dissonância como *modus operandi* para as práticas historiográficas que ali coabitavam, havendo a acomodação da “diversidade possível” de perspectivas políticas e de regimes de saber “sem rivalidades sectárias” (Detoni 2021).

De todas as menções a Nietzsche, focamos nas discussões substanciais sobre suas ideias, excluindo as menções nominais da análise. Nesta última fase, priorizamos o período de transição do século XIX até 1919, último ano de publicação da Revista Americana, marcado pela intensificação da circulação do nome autor pelo país. Organizamos o conteúdo em sete tópicos na Revista do IHGB e nove na Revista Americana.

LUGARES COMUNS DA SEMÂNTICA NIETZSCHIANA NA RIHGB

Tópica I: A transvaloração dos valores

No elogio aos sócios falecidos no ano de 1895, Alfredo Nascimento mencionou Nietzsche no necrológio de Pinheiro Chagas, autor de relativo sucesso de ambos os lados do Atlântico. Estabeleceu-se um contraste entre sua produção e a de autores como Nietzsche, Schopenhauer, Tolstoi e Ibsen. O grande embate se dava entre Nietzsche e o português Pinheiro Chagas, refletindo uma das tópicas de leitura recorrentes na cena brasileira. Estava em jogo questões de ordem moral e estética. De um lado, Chagas era descrito como alguém com um “coração acessível a todos os sentimentos nobres”, evidenciando

(...) a pureza dos sentimentos, elevando-os a concepções grandiloquas, é a transparência enfim do pensamento, roteado no caminho da verdade, nascida da observação do mundo, do conhecimento dos homens, e impulsionado por uma imaginação fecunda que lhe faz pintar com beleza de estilo, correção de forma e elevação de linguagem, os quadros mais simples e o episódio mais vulgar da vida de cada um. (Nascimento 1895, 457).

O orador se opôs à transvaloração moral, um tema discutido pelos intelectuais republicanos. Existem menções indiretas ao filósofo, que propôs suspender os protocolos de verdade estabelecidos. A menção a Nietzsche insere-se em uma rede semântico-discursiva importante naquele momento, indicando diferentes modos de leitura e de pensar. No comentário, percebe-se uma crítica ao estilo aforístico de Nietzsche, que careceria de uma intenção linear-discursiva aparente.⁴ Também há uma apropriação do conceito de super-homem. Pinheiro Chagas focava nos aspectos ordinários da vida humana, não nos ideais de autossuperação. Este enunciado ressoou junto aos públicos brasileiros.

Tópica II: A degeneração: leituras de Nietzsche através de Max Nordau

No comentário de Nascimento há outra recorrência, que considera o filósofo e a sua filosofia em degeneração (inclusive genética). Essa interpretação advém dos estudos do médico húngaro Max Nordau, que percebeu Nietzsche como um degenerado em razão das características da sua obra, aproximando a seu pensamento da loucura. Esse argumento está presente no confronto entre Chagas e os degenerados, entre eles, Nietzsche. Também se pode rastrear algumas linhas por onde a semântica nietzschiana se deslocava no Brasil:

É que a sua educação literária e filosófica não se fez nesses sonhos doentios dos cérebros degenerados dos Schopenhauers, dos Nietzsches, dos Tolstois, dos Ibsens, nem se perdeu nessa nova metafísica já extenuada, traduzindo nas concepções mórbidas dessa falange de simbolistas, realistas, místicos e egoístas, a incapacidade intelectual de cérebros que trabalham nas raías da loucura, e cujas alucinações, sintomáticas dos seus delírios vesânicos, são saudadas pelo corte degenerada de seus admiradores, como se fossem as cintilações geniais de um Goethe ou de um Hugo, cujo mérito deprimem por não poderem compreender (Nascimento 1895, 457).

Tópica III: Nietzsche e os horizontes organicistas-selecionistas

Nietzsche é mencionado no discurso de Alberto Torres em 1911. Ele foi considerado um selecionista histórico, cujos estudos se moviam em paralelo aos selecionistas genéticos da linha de Arthur de Gobineau, como Georges Vacher de Lapouge e Otto Ammon, autores que superaram as interpretações de August Weismann, que defendia a ideia de que a miscigenação racial comprometia "a boa raça e a raça má" (Torres 1911). A semântica de Nietzsche foi apropriada através da disgenia, aproximando-o de Lapouge. Sua abordagem

⁴ Scarlett Marton (2020) aponta para o cuidado que Nietzsche tinha em propor modos de ler seus textos.

considerava atavismos somáticos superados através da transmutação, sugerindo a superação de condições biossociais. A semântica nietzschiana orientou-se para o biológico, focando na superação de preocupações somáticas. O super-homem era visto como o ápice da seleção humana. Neste contexto, surge outro elemento de apropriação em disputa: a vida como luta, uma dimensão crucial para os associados que se viam como historiadores, entendendo-a como motor da história. Essa perspectiva de luta muitas vezes conecta Nietzsche a Darwin, encaminhando-se para aspectos raciais e fisiológicos.

Tópica IV: A luta pela vida em perspectiva histórica

Outro discurso, agora de 1912, proferido por Raul Tavares, também destaca a circulação da semântica nietzschiana no IHGB. Ele associou Nietzsche a Thomas Carlyle, um paralelo comum. As reflexões nietzschianas foram incorporadas à prática historiográfica, afirmando que os eventos são consequências imediatas e inseparáveis do contexto social. Tavares argumentou que fazer história sem "penetrar fundo no âmago dos acontecimentos, estudando os homens e a atmosfera moral-social que respiram, será qualquer coisa, menos historiar" (Tavares 1912, 497). Ele abriu outro flanco de apropriação relacionado à noção de guerra, fruto da seleção moral humana, e deu margem ao conceito de super-homem, simbolizado pela figura de Napoleão Bonaparte.

Tópica V: O super-homem e o evolucionismo

O conceito de super-homem encontrou múltiplas apropriações na cena brasileira, sendo a referência mais frequente que identifica Nietzsche. Uma dessas evidências aparece no discurso de Eurico de Góes. O super-homem foi interpretado através de uma teoria da evolução, sendo considerado o último estágio evolutivo dos seres humanos, superando o "antropoide falante", descrito como representante do "reino hominal de Fabre d'Olivet e o homo sapiens de Lineu". O super-homem simbolizava o caminho da autossuperação orgânica e moral, onde o ser humano, superando os obstáculos naturais através da inteligência, estabelecia tecnologias avançadas, como evidenciado pelos "telégrafos sem fio" e os "arrojados voos dos aeroplanos" (Goés 1912, 544). Este conceito representava a transição do mundo natural para um mundo habitável ajustado às necessidades humanas.

Tópica VI: O estilo de Nietzsche e seus efeitos sobre o conhecimento

Basílio de Magalhães refletiu sobre uma abordagem histórica anti-metafísica, focando suas críticas em Nietzsche e Henri Bergson. Nietzsche foi interpretado como um pensador metafísico e distante da imanência. Na visão de Magalhães, as ideias de Nietzsche eram vistas como incapazes de constituir um sistema de pensamento coeso, tanto epistemicamente quanto cosmologicamente. Sua obra é complexa e desafiadora na compreensão, não se alinhando ao monismo prevalente, mas seguindo um certo neokantismo particular. Magalhães almejava uma investigação que revalidasse a ciência, a moral, as artes e a religião, buscando uma síntese explicativa do cosmos e do

microcosmos. Neste contexto, Nietzsche é visto como uma figura que desafia a razão humana predominante.

E, si não abracei o nietzschianismo ou o bergsonismo, este agora tão no galarim além-atlântico, foi porque tanto a viril concepção do primeiro como o suave monismo do segundo se nimbaram de sutilezas metafísicas, incompatíveis com o Estado do meu espírito, em más condições de receptividade para com o nefelibatismos quaisquer, a não atingirem à formação de uma síntese perfeita, explicativa do cosmos e do microcosmos, *conditio sine qua non* de toda verdadeira criação filosófica destinada a conquistar e a erguer bem alto a razão humana (Magalhães 1914, 596)

Tópica VII: Nietzsche e o anarquismo

Outra tópica importante é a aproximação de Nietzsche com o anarquismo. Entre os anarquistas ocorreram algumas das primeiras leituras do filósofo, sendo frequentemente comparado a Max Stirner. Foi o português Antônio de Barros Ortigão, responsável por um curso complementar de Economia Política na Academia de Altos Estudos, um projeto de faculdade do IHGB, que situou Nietzsche entre os anarquistas no texto *História das doutrinas econômicas* (1917). Ortigão abordou os anarquismos em economia, destacando uma fusão entre ideias liberais e socialistas. Do liberalismo, Nietzsche adotava a crítica ao Estado, a livre iniciativa e a ordem econômica espontânea. Do socialismo, ele absorvia a crítica à propriedade e a teoria da exploração capitalista.⁵

Embora as leituras de Nietzsche geralmente se concentrassem mais em questões existenciais, Ortigão interpretou sua filosofia também de maneira social e econômica, mesmo percebendo o anarquismo de Nietzsche, cujo precursor seria Max Stirner, abordado de maneira filosófica e literária, com inclinação para discussões morais.

Nietzsche foi lido por Ortigão sob a influência de Stirner. Para os autores alemães, "a humanidade, a verdade, o bem, eram simples fantasmas criados abstratamente pelo espírito dos homens e perante os quais estes se subordinam" (Ortigão 1917, 542). A realidade possível seria aquela que delimitaria a existência individual. Cada indivíduo constituiria um conjunto de forças independentes e originais. No texto, é possível observar a apropriação de toda uma semântica nietzschiana em circulação: *super-homem, vontade de potência, devir como luta, força e afirmação*: "Diante desta concepção desapareceriam, portanto, todas as coletividades que limitam o 'eu', tais como o Estado, a família, a sociedade e a nação" (Ortigão 1917, 542). Foi esse horizonte de leitura que Ramalho Ortigão considerou como pressuposto para a "doutrina do egoísmo", sendo vista como um problema em termos de moralidade política.

Esse itinerário das leituras de Nietzsche através da RIHGB evidencia a multiplicidade dos usos que se fez dessa filosofia. Falamos de historiadores e como eles se faziam reconhecer. Movimentavam o repertório nietzschiano em

⁵ É pertinente destacar que o ensaio de Ortigão procurou relacionar as principais teorias interpretativas discutidas até o momento, dos gregos antigos, passando pela modernidade e até a idade contemporânea, debatendo John Stuart Mill e Karl Marx. Contudo, seu ensaio não levou em consideração os desdobramentos de cada pensamento, no sentido que liberalismo, ainda no século XIX, possuía repercussões antagônicas, podendo ser sinônimo de protecionismo e intervenção do Estado.

circulação sob a pressão de contextos específicos e de necessidades pontuais. Deve ser dito que as menções ocorriam na maioria das vezes nas atas publicadas na revista. Nietzsche foi lido, muitas vezes, pela auditividade. Vemos nas atas indícios de oralidade (Zumthor 1989) que apontavam formas de leitura, lembrando que ler é *ouvir ler*. No IHGB, os usos desta semântica envolviam problemas históricos. Era comum refletir a história através de lentes nietzschianas. O cientificismo, especialmente de matriz biológica, aparecia como uma moldura frequente. Questões modernas sobre o *motor da história* eram frequentes e a semântica nietzschiana era disputada entre individualistas e coletivistas. Outra tópica referia-se a divergências sobre as relações entre metafísica e história, evidenciando a negação do perspectivismo - entendido como algo que interditaria a singularidade.

REVISTA AMERICANA: AMOSTRA DO COSMOPOLITISMO DA RECEPÇÃO NIETZSCHIANA

Tópica I: (Re)elaborações da figura autoral de Nietzsche

Um ano após seu lançamento, a Revista indicou a circulação da semântica nietzschiana na seção de Bibliografia, com a resenha de "Bárbaros e Europeus" (1909) de Elycio de Carvalho, um anarquista. O resenhista, utilizando categorizações desse léxico, descreveu Carvalho como um *escritor amoral, inatual, anarquista afirmador, transmutador dos valores morais, supranacional e bom europeu*, e o mais nietzschiano dos escritores de língua portuguesa. A circulação e apropriação semântica são significativas, considerando o alcance do periódico. O léxico navegou entre comunidades leitoras, estabelecendo novos significados. Segundo o resenhista, Carvalho desenvolveu suas reflexões de maneira nietzschiana, sendo reconhecido como o brasileiro mais versado nesta filosofia. Destacou-se pelo conhecimento profundo sobre Nietzsche e sobre os usos da sua semântica por outros autores, considerados "nietzschianos". Nietzsche era o filósofo mais lido, mais citado e mais debatido nas Américas (Redação da Revista 1910, 282). Seu pensamento gerou um arco interacional e um acervo enunciativo que fomentou reflexões profundas: "Apesar da nebulosidade inerente a todo profeta, sobretudo alemão, Nietzsche, de tão discutido e vulgarizado, tornou-se um daqueles escritores sobre os quais se pode discutir sem grandes assombros de perspicácia ou notáveis esforços de paciência" (Redação da Revista 1910, 282). Ele era mais invocado não por sua fama ou genialidade, mas pelo esplendor de sua imaginação poética, que valorizava o indivíduo. A beleza de sua obra *Assim falou Zaratustra* ampliava a percepção do real.

Tópica II: Instituição de sentidos

Havia aproximações desta filosofia com outros pensamentos que pareciam exageradas, incorretas ou incongruentes. Essas são as potencialidades do estudo das práticas de leitura, percebendo a recepção do filósofo de modo pluralista. O diplomata, jurista e professor peruano Juan Bautista de Lavalle associou Nietzsche a Hobbes. Suas ideias foram consideradas a base das *filosofias da força*. Segundo essa interpretação, "el hombre es un lobo para el hombre (homo homini lupus); la guerra es el estado de la naturaleza, y el Derecho Natural, principio de todos los derechos, es el Derecho del más fuerte" (Lavalle 1910, 102). Lavalle relacionou o léxico nietzschiano ao direito, questionando os limites da vontade de potência e seus problemas ético-políticos. A abordagem eclética dessas leituras conectou de ideias e conceitos inesperados, sendo assimiladas através dos usos e modos possíveis de instituição de sentidos, não a partir de um veto epistêmico, mas pela riqueza de sua aplicabilidade.

Tópica III: Moral cristã

Outra tópica discutida era a da moral cristã, exemplificada pela leitura do historiador italiano radicado na Argentina, Clemente Ricci, que se preocupava em recuperar a psicologia de Jesus. Sua investigação se baseava em pressupostos considerados científicos à época e envolvia uma ampla gama de autores. Ricci, especialista em história da antiguidade, direcionava sua prática intelectual para os campos da história e da educação, adaptando para as culturas intelectuais americanas os modelos disciplinares europeus. Atuando como filólogo e professor de História das Religiões na Argentina, ele reconhecia as contribuições de Nietzsche por não comprometerem a biografia do nazareno, conforme discutido em seu livro *O significado histórico do cristianismo* (1909). Ricci (1911, 43) concordava com a crítica ao dogmatismo cristão e explorava as ações de Jesus através da hermenêutica bíblica e da pesquisa histórica. Argumentava-se que o problema não era Cristo em si, mas as metafísicas associadas a seu nome e as suas atitudes enquanto personagem histórico: "No recordará a Federico Nietzsche porque sus brillantes corren hoy de boca en boca como oráculos axiomáticos para un respetable número de estudiosos, no todos fatuos y superficiales".

O tema do cristianismo era bastante recorrente. A mesma tópica também encontrou expressão na poesia, como no soneto do brasileiro Carlos Brandão (1918), que retrata um mundo abundante de vida, anterior e alternativo ao cristianismo, onde se cultiva os prazeres sem temores de penalizações e de vetos moralizantes.

Ante o busto de Pan⁶

... no tempo de Tibério, navegadores gregos perdidos em uma ilha solidária, ouviram um dia este terrível clamor:
- O grande Pan está morto! (Nietzsche – O nascimento da tragédia)

Vede! O é um busto de Pan, o capro deus lascivo
Entre verdes festões de mirto, meio oculto...
Em seu olhar sem luz, do sol, um raio estivo,
Fulgura e, ao lábio, põe-lhe um riso hilare e esculto

Quando as ninfas, outrora, a caprípede vulto
Viam, de Pan, rompendo, a custo, o verde crivo
Do bosque, ao rio undoso, um pávido tumulto,
Se atiravam, enchendo o ar de um rumor festivo...

Por todo bosque ecoava um frêmito de vida!
E Pan, sob os mirtais, em rápida corrida,
Das deusas perseguia o alvere e esquivo bando

E seu olhar gelado, hoje, do bosque perscruta
Que deserto se estende e mudo e a umbrosa gruta,
Onde a água cai, a voz das ninfas ecoando...

Tópica IV: Graça Aranha ao lado de Dionísio versus Graça Aranha metafísico

Uma resenha traduzida do *Journal des Débats* discutiu o romance *Canaã* de Graça Aranha, que gerou bastante debate na época. Observa-se um duplo movimento: a) o reconhecimento do nietzschianismo por parte de Aranha; b) a disseminação transnacional da semântica no livro, que rapidamente ganhou projeção. A resenha destaca como Aranha utilizou essa semântica em *Canaã* para moldar as ações de seus personagens: “A dança do mulato Yoca é uma página admirável, um trecho digno das mais rigorosas antologias. Quando me perguntarem doravante: ‘O que Nietzsche entende por estado dionisíaco?’ Eu responderei: ‘Veja na obra de Graça Aranha a dança de Yoca, o bom mulato’” (Resenha 1911, 520). O léxico nietzschiano serve como repertório crítico e influencia a criação literária.

O crítico José Veríssimo comentou a obra, adotando uma perspectiva diametralmente oposta às abordagens nietzschianas sobre a obra de Aranha. Apesar de reconhecer as influências do autor, Veríssimo (1912, 493) interpretou *Malazarte* como anti-nietzschiano – idealista e metafísico. Ele considerou que a arte ali retratada estava desconectada da vida, não sendo uma manifestação ou forma de potencialização: “A vida que se vive em *Malazarte* é, infelizmente, demasiado fictícia para nos interessar verdadeiramente”. José Veríssimo viu na peça um realismo fundamentado em um idealismo explícito.

⁶ Na mitologia grega Pã é o deus dos bosques e das florestas, atribuída a sua personalidade os eventos de terror envolvendo natureza e escuridão.

Tópica V: Reelaboração da metafísica a partir de horizontes nietzschianos

Raimundo de Farias Brito, em *Filosofia e Ciência*, explorou o pensamento de Nietzsche, focando no significado de metafísica. Em sua interpretação, a metafísica não representaria uma descrição externa do real, mas uma elaboração interna de sentidos. Ela não ofereceria uma explicação das coisas, sendo antes uma “explosão interna da alma” (Brito 1911, 496). Nietzsche corroborava essa visão: “A filosofia não é, como ordinariamente se supõe, um conjunto de verdades abstratas de extensão universal, mas apenas o reflexo vivo de um temperamento excepcional – a confissão sincera e apaixonada de uma alma de *élite*” (Brito 1911, 496). Isso aproximava Nietzsche de pensadores como Schopenhauer e Guyau, todos dominados pela preocupação moral e empenhados na discussão de problemas que abrangeriam a totalidade das coisas, características essenciais desta filosofia.

Tópica VI: Semântica nietzschiana sob a pressão das leituras eugênicas

Outra discussão envolvia Nietzsche como figura eugênica, uma posição explorada pelo ensaísta e psiquiatra argentino José Ingenieros. Em suas obras, ele moldou suas interpretações sobre as ideias do filósofo em resposta a pressões contextuais e inclinações subjetivas. Em *O Homem Mediocre*, Ingenieros destacou a dimensão rebelde da filosofia de Nietzsche, que se posicionava “contra tudo que diminui e domestica o indivíduo”, alinhando-o a pensadores como Emerson, Guayau, Stirner e Ibsen (Ingenieros 1912, 13). No entanto, em *O Imperialismo*, ele representou Nietzsche como um imperialista alemão. Ingenieros analisou Nietzsche através de lentes raciológicas, aproximando-o de figuras como Lapouge, Folkmar e Gobineau, considerando que Nietzsche favorecia a “raça branca” pela sua proeminência social, cultural e biológica dos dolicocéfalos: “Para ele a questão das raças existe no sentido mesmo das raças brancas. Esse é o absurdo ou, pelo menos, o terreno incerto e escabroso” (Ingenieros 1913, 251). Para o ensaísta, essa abordagem racial constituiu um prejuízo hermenêutico, falhando em alcançar uma aceitação sociológica e ético-politicamente viável.

Tópica VII: O além-do-homem entre o elitismo e o efetivar-se

O super-homem, que representava a autossuperação biológica, moral ou humana, foi amplamente debatido dos dois lados do Atlântico. É o caso da tradução de um artigo do húngaro Carl Von Plankenstein, que argumentava que o conceito de super-homem de Nietzsche não era universal. Ele acreditava, dada a “grandeza” de Nietzsche, que o conceito favorecia “guias” em detrimento dos “conduzidos”. O super-homem foi visto como parte de uma “casta de notáveis” distinta do povo, necessitando de um “estado relativamente elevado de desenvolvimento moral das massas”. Nietzsche, para Plankenstein, não havia considerado os alcances sociais do conceito: “porque elas devem, segundo essa teoria, ser dotadas de bastante inteligência para compreender a superioridade dos grandes”. Além da falta de tato social, as chamadas “massas” seriam usadas apenas para “aparelhamento”, esperando-se delas que apenas “suprissem, por si, a perda de homens de talento” (Plankenstein 1913, 145).

O super-homem foi explorado em contextos intelectuais e políticos diversificados, como no estudo sobre Leonardo da Vinci realizado por Ciro de Azevedo, Ministro brasileiro no Uruguai. As qualidades do super-homem foram identificadas não apenas em um indivíduo, mas numa época, como no Renascimento – um período de apetite pela vida, audácia e esforço progressista. A semântica em circulação levou Azevedo a assimilar tanto a Renascença quanto Da Vinci. Essa abordagem era comum no Brasil do início do século XX: elaborar biografias a partir do léxico nietzschiano. Segundo Nietzsche, aproximado de Stendhal, o Renascimento teria sido propício para os “super-homens”, que revolucionaram “o curso da história” (Azevedo 1917, 104).

Tópica VIII: A Incorporação do trágico

O discurso de Félix Pacheco, proferido durante a posse de Araripe Júnior na ABL em 1913, destaca apropriações semânticas significativas. Além de incorporá-las em seus estudos, Araripe refletiu profundamente sobre o trágico. Pacheco, conhecedor tanto da obra de Araripe quanto de suas interpretações de Nietzsche, destacou o nietzschianismo de Araripe como uma ética. Ele não só estudou a tragicidade, mas também a emulou. Pacheco menciona que para Araripe, o trágico estabelecia as bases das artes no século XX: “Araripe confessava que daí lhe viera uma grande alegria interior, o gozo de viver compreendendo a vida em toda a plenitude de suas manifestações” (Pacheco 1913, 260).

Tópica IX: A semântica nietzschiana sob o influxo da Grande Guerra

O crítico paranaense Nestor Victor, em um artigo sobre Mathias Aires, argumentou que a filosofia nietzschiana operava em um duplo sentido, alinhando-se a Emerson e Schopenhauer. Por um lado, instigava o reconhecimento das disposições existenciais; por outro, no contexto da Grande Guerra, mostrava-se relevante por um conjunto de “ideias e sentimentos tonificantes”, inspirando à ação: “uma coisa e outra por esta necessidade de humanização e de eficiência que caracteriza os últimos tempos atuais” (Victor 1915, 116).

Jackson de Figueiredo também se demorou nas ideias de Nietzsche, considerando-as responsáveis pelos males do século, influenciando a Grande Guerra. Ele contrasta com a perspectiva de Nestor Victor. No passado, houve o apostolado autoritário da razão; contemporaneamente prevalecia a imposição da força. “Quem pode tem, só porque pode, o direito de fazer o que pode. É o dogma nietzscheano” (Figueiredo 1915, 125). Figueiredo, apoiado em Charles Renouvier, considerava as ideias do filósofo belicosas. “E quem não sentirá ânsias de desaparecer ante a brutalidade contemporânea, que explodiu, agora, de sob o montão hipócrita dos seus policiamentos, dos seus tribunais de arbitragem e caridades oficiais” (Figueiredo 1915, 125).

Figueiredo estava mais descontente com as leituras dessa filosofia do que com o pensamento em si. Ele não julgava mal Nietzsche – reconhecendo uma face admirável em suas ideias, que encaravam verdades dolorosas e destruíam hipocrisias limitadoras: “Mas a própria beleza de que se reveste, fê-lo quase popular, há hoje em dia, em todas as partes do mundo, dezenas de

pequeninos espíritos que só apreenderam o que ele tem de mau, de desorientador, e se fizeram seus divulgadores” (Figueiredo 1915, 125).

Já o bacharel Ataulfo de Paiva interpretou Nietzsche de outra maneira. O autor situou as concepções de Nietzsche em um contexto de crise global. O Ocidente estaria em crise com a emergência dos imperialismos. A partir das apropriações, concluiu que na atualidade existia a coexistência de forças sociais em luta: “A instabilidade econômica mundial, o socialismo, as grandes rivalidades e concorrências gerais produzem a convergência de elementos vários e complexos” (Paiva 1915, 16). Sua leitura apontava a assunção de uma ideologia responsável pela violência, uma força: a vontade do mais forte politicamente tendendo à expansão desmedida. Fenômeno atrelado, conforme Paiva, às leituras do filósofo alemão, mais especificamente do que se entendia como “vontade de mando”.

Barbosa Teixeira mobilizou a semântica nietzschiana para refletir sobre a crise civilizacional. A ambição agitava a humanidade. A hipocrisia servia como aparente conciliadora das ambições comuns. Nietzsche é citado para discorrer sobre o “gênio” da humanidade: “Empregará como instrumento a mentira, a violência, o egoísmo; mas seus fins serão grandes e bons; será um centauro, semianimal, semi-homem, e com as asas de anjo na cabeça” (Teixeira 1918, 125). Confrontando o que entendia como as teses de Nietzsche, Teixeira explicitou que a sociedade se caracterizava pela arbitrariedade – uma evidência contundente, pois pretendia-se manter uma sociedade não igualitária e mesquinha, base da civilização ocidental. A civilização estabelecia-se em função da brutalidade, violência, falsidade e egoísmo, determinantes para a eclosão da Grande Guerra. “Da luta pessoal entre os homens passou-se à luta exigida pelos novos fatores sociais que a civilização veio trazendo vertiginosamente. Os fatos vieram se precipitando, e ficou a guerra inevitável consequência da arbitrariedade social” (Teixeira 1918, 126).

Ao final dessas nove tópicas, podemos dizer que Manoel de Sousa Pinto (1910, 2) tinha razão ao identificar que “vários Nietzsches” havia “em Frederico Nietzsche”. Nessas tendências de apropriação, encontramos a figura autoral de Nietzsche como um pensador provocador, revolucionário ou iconoclasta. Chaves de leitura que instituíram reações positivas e contrárias. Os autores comentaram sua obra para a criticarem ou nela se embasarem, confirmando ou negando teses e posicionamentos, próprios ou de outros, dando particular destaque para esta ou aquela perspectiva. Outros se apropriaram mais intensivamente, vinculando as temáticas conceituais dos seus artigos com as diretrizes do próprio filósofo – com aproximações e distanciamentos. Vemos os que emularam e glosaram a semântica nietzschiana em circulação visando o desenvolvimento de categorias, de raciocínios e de pensamentos. Esses agentes foram interpelados nas formas de pensar, de dizer e de agir pelo que se acreditava ser a filosofia do autor do Zaratustra, colocando-se uns em sintonia relativa com ele, optando outros pela sua interdição.⁷

⁷ Um movimento hermenêutico parecido foi percebido por Monteiro (1997) em seu estudo sobre a recepção de Nietzsche em Portugal.

O NIETZSCHIANISMO DE JOSÉ OITICICA A PARTIR DA REVISTA AMERICANA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A heurística digital focou no mapeamento da semântica nietzschiana a partir de um caso específico apresentado na Revista Americana. Trata-se do texto *Como se deve escrever a história do Brasil* (1910), de José Oiticica, um dos leitores mais inventivos de Nietzsche no Brasil. Nascido em Oliveira, Minas Gerais, em 1882, Oiticica inicialmente cursou Direito em Recife, prosseguindo seus estudos na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Ele interrompeu esses estudos para cursar medicina simultaneamente. Sua formação médica ocorreu concomitantemente ao curso de direito, incluindo disciplinas como Medicina Legal e Higiene Pública como parte do currículo jurídico, antes da formação do curso de medicina legal (Figueira 2008, 28).

Oiticica é reconhecido por sua atuação nos movimentos operários da República e pela militância anarquista após 1912. Ele foi um dos articuladores da Insurreição Anarquista de 1918, inspirada na Revolução Russa. Também se destacou como professor de língua portuguesa no Colégio Pedro II e lecionou em diversas outras instituições. Iniciou sua carreira docente em história no Colégio Paula Freitas e, com o auxílio de seu pai e o incentivo de sua companheira Francisca Bulhões, fundou o Colégio Latino Americano em 1906, inspirado na pedagogia de Edmond Demoulin. Em Santa Catarina, dirigiu o Colégio de Laguna e, a partir de 1914, lecionou prosódia na Escola Dramática do Rio de Janeiro (DETONI 2017). Escreveu para jornais anticlericais e libertários como *A lanterna* e *A plebe*, e dirigiu periódicos com propostas similares como *A Voz do trabalhador*, *A vida*, *Spartacus* e *Ação direta*.

Nietzsche foi uma influência significativa para as elaborações intelectuais, pedagógicas e políticas de Oiticica, que, conforme estimado, foi exposto a este filósofo desde jovem. Seu pai, Francisco de Paula Leite e Oiticica, senador pelo estado de Alagoas na constituinte de 1891, possuía uma biblioteca que foi fundamental para a formação do filho. Ainda jovem, José estudou teatro, filosofia, sociologia, literatura e diversas outras ciências (Junior 2009, 24-25). Seu pai o iniciou em vários idiomas, fazendo dele um poliglota. É plausível que ele tenha conhecido Nietzsche, explícita ou implicitamente, através dessa biblioteca e da interação familiar. Essa filosofia foi apropriadamente absorvida durante suas formações acadêmicas. Leite e Oiticica se graduou na Escola de Recife em 1872, falava alemão fluentemente e foi professor no Liceu Alagoano. É razoável supor que ele tenha encontrado Nietzsche através de seus estudos e círculos de sociabilidade derivados dessas experiências acadêmicas, tendo sido contemporâneo de Tobias Barreto em Recife.

De todo modo, Gilberto Amado observou a circulação de conceitos, autores, regimes de saber, modos de apropriação e a presença de Nietzsche nos círculos que derivaram ou que orbitaram as culturas intelectuais ligadas à experiência acadêmica recifense, podendo, então, nos apresentar um caminho possível por onde José Oiticica passou a ressignificar as leituras de primeira hora dos intelectuais de Recife da geração de 1870, especialmente Tobias Barreto.

A minha geração não recebeu influência de Tobias Barreto. Nas minhas polemicas e conversas de estudante no Recife do meu tempo, de 1905 a 1909, não era frequente o nome do famoso sergipano (...) Em Pernambuco líamos tudo. Prosseguíamos na reta do darwinismo e do haeckelismo seguindo os autores franceses, ingleses, italianos que entravam em circulação, mas sem tomar a peito o transformismo, sem formar batalhão. Nietzsche nos levava a Goethe (Gilberto Amado, *apud* Martins, 1977-1978, p. 250).

JOSÉ OITICICA COMO LEITOR DE NIETZSCHE RECONFIGURAÇÃO DAS DISCURSIVIDADES RECIFENSES

Aqui situamos novamente Oiticica como leitor de Nietzsche no momento de reconfiguração das discursividades recifenses. Embora Amado mencionasse que o impacto de Barreto já não era mais sentido e que os paradigmas da geração de 70 haviam mudado, é notável que ele tenha sido um dos articuladores semânticos de Nietzsche no país, sendo um dos primeiros a comentá-lo na cena brasileira. Suas interpretações transitaram multidimensionalmente pelas paisagens intelectuais da transição para o século XX. Nossa hipótese é que Oiticica esteve profundamente envolvido nessas discursividades, como aquelas lançadas pela reconfiguração de Barreto, em movimentos de mutabilidade e de apropriações.

De qualquer modo, a semântica nietzschiana não circulou apenas por textos escritos, mas também por sociabilidades, envolvendo tanto oralidade quanto auditividade. Brito Broca (2005) nos faz perceber modos de interação intelectual na Primeira República. Eram comuns as rodas frequentadas por José Oiticica, onde ele era uma figura ativa. Essas rodas, espaços de sociabilidade intelectual, se formavam através de inclinações de *ethos* e de subjetividades. Aconteciam em cafés, botequins, padarias, livrarias, ruas, esquinas, pontos de aglomeração e, também, salões; surgiam de palestras e círculos de estudos; ao redor de redações, instituições letradas e faculdades. Oiticica selecionava cuidadosamente esses espaços. A partir das rodas traçadas por Broca, vemos Oiticica interagindo com figuras como Elysio de Carvalho⁸ e Fábio Luz, além de João do Rio, Hermes Fontes, Martins Fontes, Afonso Schmidt, Manuel Curvelo, entre outros. João do Rio, como mencionado, também era um leitor de Nietzsche.

Cristina Figueira (2008) posicionou Oiticica no contexto da criação e de estabelecimento de uma *Universidade Popular de Ensino Livre*. Elysio de Carvalho foi, cabe dizer, um dos seus idealizadores. Em rodas como essas rodas eram lidos (oralmente ou textualmente) autores como Nietzsche, Zola, Tolstói e Ruskin em uma disposição mediada por um ecletismo universalista (VENTURA 1991). Segundo a autora, "vez por outra, 'escorregam' para um

⁸ Cabe destacar que Elysio de Carvalho, com o passar do tempo, abandona o ideário anarquista em prol de uma espécie de nacionalismo mais ufanista.

Darwin, um Conte e um Spencer, resultando, dessa combinação, um certo 'anarquismo positivista evolucionista' que se desdobrará, de certo modo, em suas utopias narradas em suas obras literárias" (FIGUEIRA *apud* FENERICK 1997, 10).

O projeto da *Universidade Popular* contou com a participação de intelectuais que eram leitores de Nietzsche sob horizontes anarquistas. Mas havia um Rocha Pombo, que moveu esteticamente a semântica nietzschiana em *No hospício* (1905). José Veríssimo, atento aos trânsitos de recepção de Nietzsche, era um frequentador de rodas elitizadas, como salões, academias e redações. As rodas não eram totalmente abertas (aporéticas). Consideramos, nesse interim, o alto número de palestras ministradas e orientadas por José Oiticica, abordando temas os mais variados como a teosofia, como o vegetarianismo, como o anarquismo e sobre Nietzsche. Indiretamente ou diretamente, ele participou de círculos operários - sindicatos, centros formativos e associações. Essas sociabilidades revelam, pois, deslocamentos semânticos não apenas textuais, mas através de outras modalidades de leitura (ouvir).

Diante disso, o artigo intenta imprimir efeitos de sentido a partir das apropriações de Oiticica presentes nos textos da Revista Americana publicados em 1910, apontando caminhos por onde elas se deslocaram. Não há menção direta a Nietzsche nos artigos. Trabalhamos com inferências textuais e histórico-contextuais, concebidas como vestígios explícitos e implícitos que justificam a presença de Nietzsche e de sua semântica na normativa. A partir da heurística digital, estabelecemos uma dissincronia temática que se projeta junto às reflexões de Oiticica e que parte destes textos. Oiticica confrontou a dissertação *Como se deve escrever a história do Brasil* (1843), de Von Martius, apresentando o seu *Sistema da História*. O vocabulário nietzschiano, acessível por meio dos seus círculos de sociabilidade, pela sua formação e por ter sido aluno das Faculdades de Direito do Recife e do Rio, é apreendido através do tensionamento dos conceitos de força e energias. Esses conceitos circulavam, sendo fatos e indicadores das apropriações da semântica nietzschiana pelo autor. Suas leituras são inventivas, operando interações entre o pecúlio nietzschiano e os horizontes teórico-discursivos próprios aos pensadores da física. Em sua interpretação, o humano movimenta-se em vir-a-ser na imanência. Seu corpo estaria irmanado ao mundo, onde se localizariam energias químicas, físicas, térmicas, mas também vitais e psíquicas (OITICICA 1910). Esses fatores teórico-semânticos imbricavam-se no léxico nietzschiano. Existem relações de interação com toda uma rede conceitual que se remete ao conceito de força. Segundo Vicente da Silveira Detoni: “O que nos intriga, e faz com que postulemos uma possível referência a Nietzsche, é a sua menção a energias vitais e psíquicas que informariam a vida biológica e social; energias, assim, irredutíveis às leis da física ou da química, próprias dos corpos orgânicos e presentes na vida em sociedade ao longo do tempo” (DETONI 2016, 47).

O problema desenvolvido por Oiticica em 1910 se desdobrou na duração e foi movido em contextos diferentes. Em 1947, em *Ação Direta*, a questão reapareceu e ilumina esses textos. É um artigo sobre o comunista Florentino de Carvalho. Narrou-se, ali, parte da sua biografia. Oiticica recordava que Carvalho tinha “sólida cultura geral”, tendo “domínio em ciência e filosofia”. É um artigo em que se percebe a força dos processos de apropriação, percebidos em modos de interação: “Procurava-o para com ele trocar ideias sobre minhas dúvidas e inquietudes de ordem intelectual, e sempre voltava com alguns ensinamentos” (OITICICA 1960, 138). Em uma

dessas conversas foi colocado em discussão a filosofia de Friedrich Nietzsche. Acompanhemos o diálogo:

— *E Nietzsche? Que que o camarada me diz de Nietzsche?*
 — *Muito fogueiteiro; mas tem muitas coisas boas, entre muitas más. Nietzsche foi discípulo de Stiner, até certo ponto, é claro. Stiner foi esquecido, porém foi mais profundo e, talvez por isso, está quase esquecido. Em algumas de suas obras, como por exemplo em Assim falava Zaratustra, Nietzsche tem um estilo suave, lírico, e eu creio que por isso é que ele é tão lido. E sobretudo por ser tão fogueiteiro (OITICICA 1960, 139).*

Para além da confirmação de Oiticica como leitor de Nietzsche, temos uma amostra dos modos de leitura que indicam o compartilhamento da sua semântica através da sociabilidade, bem como dos fatores da auditividade e da oralidade. Existem maneiras específicas de selecionar o que é apropriado, correspondendo a dimensões subjetivas e entrecortadas por afinidades eletivas. Conceitos, categorias, ideias e noções, dentro de uma semântica histórica, não devem ser abordados através de um translado direto de um contexto para outro, como se apenas a sua materialidade histórico-temporal fosse suficiente para verificar os seus usos. Os modos de leitura se transformam com o tempo. O diálogo demonstra a recepção de Nietzsche entre os anarquistas brasileiros, sendo a aproximação com Max Stirner um lugar-comum, algo já observado por Scarlett Marton (2009, 254): “Já no início do século, suas ideias despertaram interesse entre nós. Aqui chegaram, provavelmente, através do movimento anarquista europeu e, em particular, do espanhol, que considerava Nietzsche um dos pensadores mais revolucionários.” José Oiticica tinha uma leitura particular do anarquismo. Para ele, deveria haver, entre os anarquistas, uma participação mais ativa junto à coletividade, amparando-se na ideia de libertação social. Os anarquistas deveriam “misturar-se” com o povo para a divulgação de seus ideários, “tomando parte nas lutas dos trabalhadores; organizando os grupos para a resistência; orientando-os nos conflitos contra o capital e contra o Estado e incentivando-os ao combate de todos os opressores” (OITICICA 1960).

Oiticica desdobrou o diálogo com Florentino de Carvalho, considerando vários elementos em trabalhos de história da recepção e das práticas de leitura. Acompanhemos, mais uma vez, o debate narrado naquele breve artigo saído em 1960:

Eu disse – prosseguiu Florentino de Carvalho – que em Nietzsche há muitas coisas boas e muitas más, e, sob certo ponto de vista, pode ser comparado com Marx. Em Nietzsche e em Marx há um pouco de tudo, como na Bíblia: afirmações francamente libertárias, que podem ser aceitas pelos anarquistas, e outras que se prestam para a defesa do mais feroz despotismo (OITICICA 1960, 139).

Observamos, sob diferentes ângulos, novas maneiras de ler emergindo e sendo praticadas no contexto da sociabilidade, particularmente em encontros informais e através da auditividade. Tais leituras podem ou não ser transcritas para a economia das obras, mas frequentemente dialogam de maneira subentendida e subterrânea. Nota-se que as apropriações são seletivas e desviantes: Florentino Carvalho, conhecedor de grandes autores, evitava ser excessivamente influenciado por qualquer um deles. É crucial evitar generalizações, uma vez que as interpretações do anarquismo são diversificadas. Há também uma abordagem particular de como ler Nietzsche:

sua semântica, em difusão e circulação, era frequentemente utilizada como uma espécie de "caixa de ferramentas", sendo as exegeses com dimensões reconstituidoras minoritárias neste contexto que estamos abordando.

Na discussão com Carvalho, Oiticica aborda as "forças", revisitando uma questão que acompanhamos por cerca de meio século. Revela-se a influência dos teóricos da física, com as ideias de "força" e "matéria" de Ludwig Büchner. Scarlett Marton observa que Nietzsche também interagiu com os teóricos da física (e da biologia) para desenvolver sua teoria das forças. O fator apropriação é capaz de inspirar pensamentos alternativos, não limitados ao contexto original. Oiticica associa o materialismo radical e um evolucionismo não finalístico com as ideias de força e vitalismo de Nietzsche. Büchner, que também era médico, influenciou as reflexões de Oiticica, que acreditava que suas formações acadêmicas incompletas em direito e medicina facilitaram esse diálogo conceitual. "E a obra 'Força e Matéria' ainda era das melhores, se não a melhor, da filosofia materialista" (OITICICA 1960, 139-140).

Oiticica também abordou a cosmologia em seus textos de 1910, conforme interpretado por Vicente da Silveira Detoni (2017). Refletindo sobre as análises de Marton, o historiador estabelece um diálogo que enriquece o entendimento das temáticas nietzschianas, que informam implicitamente sua normativa. Para Oiticica, tudo era permeado por forças: linguagem, história e mundo, tal como Nietzsche acreditava que células, tecidos, órgãos, sentimentos e impulsos também eram. "Em uma fase mais tardia de sua obra, o filósofo referiria a essas energias que 'querem' e 'tem livre curso à sua força' como vontade de potência, e não as limitaria aos seres vivos, ou 'corpos orgânicos', nas palavras de Oiticica" (DETONI 2017, 47). Estamos ante a questão da vontade de potência, explorada em *Assim Falou Zarathustra*, obra que Oiticica possuía. Marton explica que as forças são plurais: "A força simplesmente se efetiva, ou melhor, é um efetivar-se. Atuando sobre as outras e resistindo a outras mais, ela tende a exercer o quanto pode, estendendo-se até o limite, manifestando um querer-vir-a-ser-mais-forte, irradiando uma vontade de potência" (MARTON 2006, 53).

As formações acadêmicas incompletas de José Oiticica, em direito e medicina, juntamente com suas relações de sociabilidade, seu relacionamento anterior com o pai, suas leituras variadas e particulares como polígrafo, bem como o seu conhecimento de idiomas e as rodas que frequentou no Rio de Janeiro, além de todo o diálogo com a literatura anarquista, que traz em seus léxicos a semântica nietzschiana reconfigurada, revelam os desdobramentos de suas leituras do pensador alemão. Temos fortes indícios, confirmados posteriormente, de que ele possuía um exemplar de *Assim falou Zarathustra*. Tiago Pantuzzi (2023, 96), em seu trabalho sobre a recepção de Nietzsche entre os acadêmicos de Recife, incluindo Oiticica, discute outros usos que Oiticica fez de *Assim Falou Zarathustra*: "formulação de uma visão política em que o além do homem seria tomado como modelo de indivíduo libertário". Em um artigo publicado em 1928 no 'Correio da Manhã', confirmamos os argumentos interpretativos apresentados na tese de Tiago Pantuzzi.

O anarquismo denuncia essa torpeza e bate-se pela extirpação do autoritarismo sob qualquer feição: econômico, político, intelectual, moral ou religioso. Tentamos instituir uma sociedade tal, que seja permitido ao homem a *livre* expansão da sua personalidade. Combatemos todo dogma, toda imposição, toda igreja, todo mandonismo, e desejamos reforçar quanto possível a autonomia individual, no trabalho, na escola, na sociedade. Pregamos, por isso, o trabalho *livre*, o pensamento *livre*, o amor *livre*. Repudiamos o patrão escravizador do trabalho, o padre escravizador do pensamento, o dinheiro escravizador do amor (OITICICA 1960, 91).

Nietzsche é, desse modo, uma presença marcante na trajetória sinuosa de ação pedagógica e política de Oiticica. Não é de menor importância observar a associação entre a liberdade individual e a expansão da personalidade, algo que ele teorizou em 1910. Esse é outro modo de conceber as aplicações do conceito de vontade de potência. Neste momento, não destacaremos outras diacronias que emergem dos textos de 1910 com a semântica nietzschiana em circulação, nem os variados debates que Oiticica realizou a partir dela. Neste exercício, exploramos a produção de sentido através da articulação dos problemas da expansão das forças e da vontade de potência, como apresentados na Revista Americana, com reflexões sobre o além do homem em outros contextos políticos, sociais e existenciais. Essa dissincronia revela um lugar-comum nos anarquismos receptores de Nietzsche no Brasil, uma visão próxima àquela de um revolucionário, conforme revelada por Scarlett Marton.

A relevância desta dissincronia se esclarece a partir de um artigo de Oiticica que menciona Nietzsche, sua obra, e a interpreta no corpo do texto. Este é um momento para compreendermos os efeitos de sentido a partir de uma discussão que se origina em 1910, vindo como são transpostos para diferentes contextos a leitura de *Assim falou Zaratustra* do autor. José Oiticica se apropria da semântica em circulação e realiza uma tradução — um procedimento situado dentro do campo discursivo em que se encontra. Essa tradução é significativa por nos revelar seu entendimento e modo de uso do "além do homem" como condição para a emergência de espíritos livres, pensando através do anarquismo. Tiago Pantuzzi destaca um ponto importante: ele comparou esta tradução com outras respeitadas pela pesquisa acadêmica sobre o filósofo e realizou uma consultoria com especialistas em língua alemã, concluindo que “podemos afirmar que a tradução foi realmente feita do alemão e pode ser avaliada como excelente” (PANTUZZI 2023, 112).

O texto de 1950, intitulado *Nietzsche e os Bolcheviques*, é crucial sob essa lógica argumentativa. Oiticica criticou as ações stalinistas direcionadas às obras do filósofo: “Na zona alemã dos russos, decreta-se a excomunhão aos escritos do extraordinário pensador alemão. O que em Nietzsche há de soberbo é seu maravilhoso estilo e seu profundo pensamento revolucionário” (OITICICA 1960, 166). Para Oiticica, o caráter revolucionário de Nietzsche não era bolchevique, mas anarquista, pois, em sua interpretação do *Zaratustra*, Nietzsche seria “antiestatal” e opositor de toda “tirania”. O conceito de super-homem é abordado no artigo como o além do homem "inteiramente livre, que destruiu os supérfluos, os hipócritas, os embusteiros, os governantes de toda casta" (OITICICA 1960, 166).

Figura 4 – Trecho traduzido por Oiticica

1. *Algures, ainda há povos e rebanhos, mas não entre nós, irmãos; aqui há Estados.*
 2. *Estado? Quê? Upa! Abri bem as ouças, pois agora vou dizer-vos da morte dos povos.*
 3. *Chama-se Estado o mais frio dentre os monstros frios. E mente friamente e sai-lhe da boca esta mentira: "Eu, o Estado, sou o povo".*
 4. *É mentira! Criadores foram os que formaram os povos e alçaram, acima deles, uma fé e um amor; assim, serviram a vida.*
 5. *Destruidores são os que armam, para a maioria, armadilhas e lhes chamam Estado; alçam sobre ela uma espada e cem apetites.*
 6. *Onde ainda há povo, este não compreende o Estado e odeia-o como a olho mau e crimes contra costumes e direitos.*
 7. *Dou-vos este índice: fala cada povo sua língua do bem e do mal; não a entende o vizinho. Inventou sua língua para seu uso e direito.*
 8. *Mas o Estado mente em todos os idiomas do bem e do mal, e, no que diz, mente, e, o que tem, furtou.*
 9. *Falso é tudo nele: com dentes furtados, morde êle, o rezingão; suas próprias entranhas são falsas!*
 10. *Algaravia do bem e do mal, êsse índice vos dou como sinal do Estado. Em verdade, ânsia de matar. Em verdade, acena aos pregadores de morte!*
 11. *Nascem homens demais; o Estado inventou-se para os supérfluos.*
 12. *Vêde como seduz, êle, os demasiados! como os traga e mastiga e remastiga.*
 13. *"Na Terra, nada maior há que eu! sou o dedo ordenador de Deus!", assim urra o monstro. E não só os orelhudos e os miopes caem de joelhos.*
 14. *Ai! em vós também, almas grandes, cicia êle suas lúgubres mentiras. Ai! fareja os corações ricos, que de gosto se desperdiçam.*
 15. *Sim! Fareja-vos a vós também, vencedores do velho Deus! Consastes-vos na luta e agora serve o vosso cansaço ao novo ídolo.*
 16. *Heróis e varões desejava êle pôr em torno a si, o novo ídolo. Aqueita-se o frio monstro, de bom grado, ao sol da sua consciência.*
 17. *Tudo vos quer dar, se o adorais, o novo ídolo; assim, compra o lume de vossa virtude e o brilho de vossos altivos olhos.*
 18. *Quer engodar, convosco, os demasiados. Inventou-se para isso um truque diabólico, um corcel da morte, guisalhante na fardagem das honras divinas.*
 19. *Sim! Achou-se para os demasiados certa morte que se estima a vida; em verdade, um voluntariado de todos os pregadores da morte.*
 20. *Estado chamo eu a isso onde estão os tragovenenos todos, bons e maus; Estado, isso onde se perdem todos, bons e maus; Estado, isso onde se chama Vida o lento suicídio de todos.*
 21. *Vêde-me êsses supérfluos! Furtam as obras dos inventores e os tesouros dos sábios; chamam cultura ao seu latrocínio, e tudo se lhes torna doença e revés.*
 22. *Vêde-me êsses supérfluos! Sempre doentes, extravezam bilis, e chamam-lhe jornal. Entredevoram-se, e nem conseguem digerir-se.*
 23. *Vêde-me êsses supérfluos! Encafram riquezas, e fazem-se assim mais pobres. Poder querem e, primeiro, a alcapreina do poder: muito dinheiro almejam os sem-vintém.*
 24. *Vêde-os a treparem, êsses ágeis simios! Trepam uns sobre os outros, e arrastam-se na lama e no abismo.*
 25. *Galgar o trono querem todos; essa, a insânia, como se a ventura se sentasse no trono. Amiúde senta-se, no trono, todo, e, também amiúde, o trono em lodo.*
 26. *Loucos, para mim, são êles todos. Fede-me o seu ídolo, êsse frio monstro; fedem-me todos juntos êsses ídólatras.*
 27. *Meus irmãos! quecis, então, sufocar ao baço de suas fauces e apetites? Antes quebrar janelas e saltar para o ar livre.*
 28. *Afastai o mau cheiro! Afastai a idolatria dos supérfluos.*
 29. *Afastai o mau cheiro! Afastai a fumaça dêsses sacrifícios humanos.*
 30. *Está livre ainda a Terra para as almas grandes. Para um só ou dois, ainda há muitos sitios vagos onde paira o olor dos mares quietos.*
 31. *Para as almas grandes, ainda há franca uma vida livre. Em verdade, quem possui pouco, menos possuído é; bendita a pobreza humilde.*
 32. *Onde o Estado finda, aí começa o homem não supérfluo, aí começa o cântico dos necessários, a toada única e insubstituível.*
 33. *Onde o Estado finda, vêde, vêde, meus irmãos! não vêdes o arco-íris e as pontes do Super-homem?*
- Assim falou Zaratustra.*

Fonte: Ação Direta

O super-homem, ou *Übermensch*, se lançaria à efetivação existencial, superando os modelos metafísicos que afastavam os indivíduos da imanência. Este novo humano se volta para a vida e aceita seu destino com todas as suas incompletudes. Estar para além do binarismo moralizador permite-lhe tornar-se um criador (ou legislador) de valores que ampliam seu coeficiente vital. Por essa razão, Oiticica enfatizou tanto o cálculo ao revisitar os textos de 1910. Trata-se da superação de todo conformismo e dos poderes disciplinadores. Nosso efeito dissincronico, dirigido através da heurística digital, nos leva a 1919, quando o polígrafo anarquista publicou a segunda série dos seus Sonetos. Seleccionamos um poema no qual vemos Oiticica invocando a dificuldade de empreender essa efetivação existencial. A poesia revela sua subjetividade, entrelaçada às suas experiências de leitura, onde é palpável sua angústia entre a negação e a afirmação da vida. Conforme Scarlett Marton (2006), a vida pode ser compreendida através dos horizontes da vontade de potência. A teoria das forças delineou esse modo de reflexão sobre a própria vida. Observamos a tensão de Oiticica ao tentar efetivar sua vontade (liberando suas forças) pois ele se encontrava ali, oscilando entre o negar e o afirmar.

*Essa invisível Causa, que eu procuro
Nos meus tormentos de meditação,
Inda é o mesmo problema, ingrato e obscuro.
Que atormenta homens bons desde Platão.*

*Esse maldito sonho, por ser puro,
- Apurado na dor – é sonho vão:
E irá semeando dores no futuro...
Pobres dos sonhadores que virão!*

*Ai de mim! que, entrevendo o atroz problema,
Me pús a reflectir e a meditar,
Descobridor da solução suprema.
Fiquei na horrível noite deste mar,
Ouvindo a dupla voz do meu dilema,
Incapaz de afirmar e de negar.*

(Sonetos – 2ª Série, 1919)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao implementar sistemas de filtros e focar em Nietzsche e em sua semântica como um estudo de caso, os acervos digitais emergem como espaços propícios para a prática da heurística. A estruturação desses acervos ilustra como a pesquisa pode se beneficiar de abordagens quantitativas e qualitativas, abrindo caminho para uma compreensão mais abrangente dos modos de circulação de impressos, como livros, revistas e jornais. A seleção de materiais para esses acervos não apenas evidencia as diversas formas de disseminação cultural, mas também destaca a importância de entender como esses modos de circulação repercutem na interpretação dos textos. Essa abordagem problematiza, portanto, os acervos digitais não apenas enquanto repositórios de conteúdo, mas como espaços dinâmicos de interação e interpretação, onde, cabe frisar, a seleção e a organização do material desempenham papéis cruciais na formação do saber histórico.

Práticas laboratoriais são contextualizadas, daí a necessidade de expandir o levantamento de laboratórios de humanidades, história e mídias que utilizam uma abordagem computacional, conforme realizado inicialmente em *Caminhos da história digital no Brasil* (2022). Precisa-se considerar que a teorização do conhecimento que não é completamente derivada da experiência, mas também não é independente dela. Reconhecer o uso da computação na pesquisa em história de forma abrangente significa elucidar que diversos campos da história já empregaram ou empregam algoritmos computacionais nas decisões de pesquisa, mas, quando pensamos na escrita da história, há especificidade própria do ofício.

Em tempos de transformações e acomodação paradigmática, não aderimos a visões de mundo quixotescas que transformam computadores em “dragões”, quando de fato funcionam como “moinhos”. Os estudos algorítmicos realizados pelo *Gumelab* da Universidade Livre de Berlim em parceria com a Universidade de Antióquia e o *Centro de Humanidades Digitais* da Unicamp, indicam que o uso de padrões para pré-determinar categorias de análise funcionam melhor, com margens de erro, em modelos menores, cuja base de dados é qualitativamente construída com supervisão humana e que também não configuram Big Data. Isto ocorre, devido à condição hermenêutica da prática historiadora, mas os mesmos estudos algorítmicos oferecem um conjunto de possibilidade para a construção do documento histórico nato digital, da identificação ao arquivamento e sua exploração (Müssemann 2024)

A superação de paradoxos entre práticas de pesquisa digital e estabilização semântica exige uma abordagem de tentativa e erro, método do qual podemos aprender muito com a computação. Ao mapearmos a recepção de Nietzsche no Brasil entre o final do século XIX e o início do XX, temos a oportunidade de observar os primeiros usos do autor e a diversidade de interpretações possíveis. Mas, além de constatar a recepção concomitante à publicação de seus livros, é possível explorar os debates teóricos e historiográficos presentes em periódicos como a *Revista do IHGB* e a *Revista Americana do Itamaraty*, mas abrindo possibilidades para outros recortes e análises. É de se destacar, ainda, que a circulação mapeada teve maior força no início do século XX, quando Alexandra Elisabeth Förster-Nietzsche passou a usar os espólios intelectuais do irmão com fins racialistas, favorecendo seitas e regimes políticos. Tanto na *Revista Americana* como na *Revista do IHGB*

estão presentes os usos de Nietzsche para pensar o racismo no Brasil, o que evidencia o prisma eugenista enxergado no autor.

O destaque dado aos modos de pensar, apresentados como um sistema de filtros, são partes do que apresentamos como uma heurística computacional para história digital. Esse processo heurístico, que prepara e organiza o Arquivo, possui intersecções com os processos hermenêuticos, porque a origem dos dados tem seu lugar desnaturalizado e para utilizá-los é necessário estabelecer, de alguma maneira, uma nova configuração que introduz a construção de sentido. Porém, gostaríamos de ressaltar que as linguagens de programação utilizadas para a coleta dos dados fazem partes do processo heurístico. O que se aplica tanto ao tratamento dos resultados gerados pelo sistema computacional da Hemeroteca Digital, seja a coleta e compilação de arquivos digitais na totalidade, como da Biblioteca Brasileira Digital da USP, da Biblioteca Brasileira e da Revista do IHGB. Para cada instrução construída em *python*, seja na forma de coletar, organizar, pesquisar ou representar os dados, há formas de abordagens e métodos que devem ser escolhidos pelo programador e que não devem ser reduzidas ao tecnicismo. Para criar o método é necessária uma sólida visão sobre teoria e metodologia em história, mesmo que sua reprodução por outrem sugira apenas técnica.

Por fim, gostaríamos de ressaltar sobre a necessidade e estímulo a digitalização de arquivos pessoais para complementar as iniciativas de digitalizações que conhecemos. Casos como o *Programa arquivos pessoais* do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas ainda são raros e contribuem e expandem o olhar e as análises sobre periódicos. Quando procuramos trazer dados biográficos sobre José Otília sobre seu olhar nietzschiano, estamos mostrando que uma história intelectual satisfatória precisa considerar mais o inventário da escrita do autor, do que seu produto: a narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYERS, Edward L. *The Pasts and Futures of Digital History*. Charlottesville: University of Virginia, 1999.
- AZEVEDO, Ciro de. Leonardo da Vinci. *Revista Americana*, ano VI, n. 7, pp. 96-105, 1917.
- BENZMÜLLER, C. et al. (2019). *A Computational-Hermeneutic Approach for Conceptual Explication*. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1906.06582>. Acesso em: 13 abr. 2014.
- BRANDÃO, Carlos. Ante o busto de Pan. *Revista Americana*, ano VII, n. 4, pp. 77-80, 1918.
- BRASIL, Eric. pyHDB - Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira. Ouro Preto: *Revista História da Historiografia*, vol. 15, n. 40, 2022. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1904> Acesso em: 13 abr. 2024.
- BRITO, Raimundo Farias. Filosofia e ciência. *Revista Americana*, ano II, n. 3, pp. 493-515, 1911.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2005.
- CASTRO, Fernando Vale. Um projeto de Diplomacia Cultural para a República: a Revista Americana e a construção de uma nova visão continental. *Revista Brasileira de História*, v. 32, p. 301-324, 2012.

- CRESPO, Regina. *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. Ediciones y Gráficos Eón, 2010.
- CRESPO, Regina Aída. Del papel a la pantalla: ¿ las publicaciones digitales son las nuevas revistas político-culturales? Un análisis del caso brasileño. *Revista de historia de América*, n. 158, p. 337-364, 2020. Disponível em: <https://revistasipgh.org/index.php/rehiam/article/view/608> Acesso em: 19 jun. 2024.
- GOMES, Angela Castro Gomes. História ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). *Ciência, civilização e república nos trópicos*; Rio de Janeiro, Mauad; Faperj, 2010.
- DETONI, Piero di Cristo Carvalho. “*PACIFICA SCIENTIAE OCCUPATIO*”: a experiência historiográfica no IHGB na Primeira República. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18102021-223425/pt-br.php> Acesso em: 13 abr. 2024.
- DETONI, Vicente da Silveira. “*Mal-estar*” da História no Brasil: Friedrich Nietzsche e o desejo de superação do regime historiográfico oitocentista na Primeira República. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal da Fronteira do Sul, 2017. Disponível em: <https://rd.ufes.edu.br/handle/prefix/860> Acesso em: 19 jun. 2024.
- FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. *A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, PUC-SP, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10669/1/Cristina%20Aparecida%20Reis%20Figueira.pdf> Acesso em: 30 abr. 2024.
- FIGUEIREDO, Jackson de. Farias Brito. *Revista Americana*, ano V. n. II, pp. 125-130, 1915.
- FUENMAYOR, David; BENZMÜLLER, Christoph. A computational-hermeneutic approach for conceptual explicitation. In: *International Conference on Model-Based Reasoning*. Cham: Springer International Publishing, 2018.
- GOÉS, Eurico. Discurso de posse. *RIHGB*, tomo LXXV, parte II, pp. 508-549, 1912.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da escola palatina ao Silogen*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1889-1938. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2006.
- Han, J., Pei, Jian., & Kamber, Micheline. *Data Mining: Concepts and Techniques* (3rd ed.). Morgan Kaufmann, 2012.
- INGENIEROS, José. Formación económica de la nacionalidad argentina. *Revista Americana*, ano IV, n. 5-6, pp. 250-269, 1913.
- INGENIEROS, José. O imperialismo. *Jornal do Comércio*, 1914, p. 3.
- INGENIEROS, José. *O Homem medíocre*, 1912.
- LANEY, Doug. *3D Data Management: Controlling Data Volume, Velocity and Variety*. META Group Research Note, 2001.
- LAVALE, Juan Bautista de. El concepto del derecho en la escuela analítica inglesa, en la obra histórica de Summer Maine y en la filosofía jurídica de Icilio Vanni. *Revista Americana*, ano 1, n. 10-11, pp. 96-123, 1910.
- LEVIN, Orna Messer; PONCIONI, Cláudia (Eds.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- LISBOA, Karen Macknow. Da expedição científica à ficcionalização da viagem: Martius e seu romance indianista sobre o Brasil. [S. l.], v. 21, n. 1, p. 115–132, 2011.

- LUCCHESI, Anita. Do texto ao hipertexto: notas sobre a escrita digital da história no século XXI. In: *VIII Jornadas de Historia Moderna y Contemporánea*. Buenos Aires: 978-987-1785-79-7, 2012. v. 1. p. 1-11, 2012. Disponível em: <https://www.c2dh.uni.lu/data/do-texto-ao-hipertexto-notas-sobre-escrita-digital-da-historia-no-seculo-xxi> Acesso em: 25 jun. 2024.
- MAGALHÃES, Basílio de. Discurso de posse. *RIHGB*, tomo LXXVII, parte II, pp. 583-603, 1914.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5 – São Paulo; Cultrix/Edusp, 1977-78.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche e a cena brasileira. In: MARTON, Scarlett, *Extravaçãos: ensaios sobre filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche, 'o bom europeu'*. A recepção na Alemanha, na França e na Itália. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006.
- MORETTI, Franco. Conjectures on world literature. *New Left Review*. [s.n.] jan.-fev. p.54-68, 2000.
- MÜSSEMANN, Hannah; AGUIRRE GARCÍA, Gicela Andrea; ARCILA ARBOLEDA, Heisman Duvolfán; ROTA, Alesson Ramon. *Manual para el uso de métodos digitais en proyectos de humanidades: La experiencia del proyecto GUMELAB*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2024. <https://doi.org/10.25824/redu/I89ZD7>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- NASCIMENTO, Alfredo. Elogio dos sócios falecidos. *RIHGB*, tomo LVIII, parte II, pp. 433-559. 1895.
- NAXARA, Marcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- OITICICA, José. *Ação direta*. Meio século de pregação libertária. Seleção, introdução e notas Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Germinal, 1960.
- OITICICA, Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Americana*, ano I, n. 7, pp. 1-8, 1910a.
- OITICICA, Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista Americana*, ano I, n. 8, pp. 8-15, 1910.
- OITICICA, José. *Sonetos 2ª. série (1911-1918)*. Maceió: Ramalho, 1919.
- ORTIGÃO, Antônio de Barros Ramalho. História das doutrinas econômicas. *RIHGB*, tomo 81, parte I, pp. 403-551, 1917.
- PACHECO, Félix. Discurso na ABL. *Revista Americana*, ano IV, n. 9, pp. 241-282, 1913.
- PAIVA, Ataulfo de. Justiça e assistência. *Revista Americana*, ano V, n. 3, pp. 15-20, 1915.
- PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, FFLCH, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-29062016-120906/pt-br.php> Acesso em: 15 mai. 2024.
- PANTUZZI, Tiago Lemes. *Recepção e antropofagia: Nietzsche na Escola de Recife*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/dd53b850-876d-4282-837b-728dec73c97b> Acesso em: 13 abr. 2024.
- PINTO, Manoel de Sousa. O filósofo errante. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano 09, 1910.

- PLANKENSTEIN, Carl Von. A historiografia moderna. *Revista Americana*. ano IV, n. 7-8, pp. 136-146, 1913.
- POMBO, Rocha. *No hospício*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1970.
- REDDY, Pritika; SHARMA, Bibhya; CHAUDHARY, Kaylash. "Digital Literacy: A Review of Literature," *International Journal of Technoethics (IJT)* 11, no.2: 65-94. <http://doi.org/10.4018/IJT.20200701.oa1> Acesso em: 15 mai. 2024.
- REVISTA AMERICANA, Resenha sobre Canaã. *Revista Americana*, ano 2, n. 2, pp 517-520. 1911.
- REVISTA AMERICANA. Bibliografia. *Revista Americana*, ano 1, n. 5, pp. 280-309, 1910.
- RICCI, Clemente. La psicología de Jesus (según un médico francés y un crítico brasileño. *Revista Americana*, ano 2, n. 1, pp. 60-80, 1911.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (Vol. 1). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1994.
- ROTA, Alesson R. El uso de la minería de datos como heurística para la teoría de la historia y la historia de la historiografía. *Amoxtli -Historia de la edición y la lecture*, n. 7, 2021. Disponível em: <https://revistas.uft.cl/index.php/amox/article/view/205> Acesso em: 13 de jun. 2024
- ROTA, Alesson Ramon. "PatrimoniAIs: algoritmo para classificação de patrimônios incômodos (em disputa)". *Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp*, V1. Disponível em: <https://doi.org/10.25824/redu/35UZZ3> Acesso em: 13 jun. 2024.
- ROTA, Alesson R. Mineração de história: novos índices em dados estratosféricos In: NICODEMO, Thiago, ROTA, Alesson; KISIL, Ian Marino (orgs). *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.
- ROTA, Alesson. Archive and non-archive: notes on the use of Data Science for research on digitized historical archives. IN: BANOU, Penelope et al (org) *Artists' paper: a case in paper history*. Viena: Berger, 2023
- ROTA, Alesson Ramon. *Coleta de dados sobre Friedrich Nietzsche em acervos histórico digitalizados*, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25824/redu/2R5SAY>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- RUBIRA, Luís. A primeira antologia brasileira da obra de Friedrich Nietzsche, organizada e traduzida pelo poeta Alberto Ramos. *Dissertatio Revista de Filosofia*, [s.l.], v. 54, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/21713> Acesso em: 30 abr. 2024.
- SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. *Antíteses*, vol. 9, n, 17, p. 270-296, jan/jun, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/20595> Acesso em: 13 abr. 2024.
- SILVEIRA, Pedro Telles. *História, técnica e novas mídias: reflexões sobre a história na era digital*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189249> Acesso em: 30 abr. 2018.
- TAVARES, Raul. Discurso de posse. *RIHGB*, tomo LXXV, parte II, pp. 490-507, 1912.
- TEIXEIRA, Barbosa. O êxtase convencional. *Revista Americana*, ano VII, n. 10, pp. 123-131, 1918.
- TORRES, Alberto. Discurso de posse. *RIHGB*, tomo LXXIV, parte II, pp. 547-601, 1911.
- UNDERWOOD, Ted, A genealogy of distant reading. *Digital Humanities Quarterly*, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em:

<https://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/11/2/000317/000317.html> Acesso em: 20 jun. 2024.

- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. SP: Companhia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, José. Notícia de alguns livros do ano passado. *Revista Americana*, Ano 3, n. 5-6, pp. 491-511, 1912.
- VICTOR, Nestor. Matias Aires. *Revista Americana*, ano. 5, n. 2, pp. 112-116, 1915.
- ZUMTHOR, Paul. *La letra y la voz*. Madrid: Cátedra, 1989.

Itinerários de história digital

O caso Nietzsche através da heurística computacional (c. 1870-1940)

Artigo recebido em 30/04/24 • Aceito em 15/06/24

DOI | doi.org/10.5216/rth.v27i1.79223

Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado